



ÁRIO LOBO AZEVEDO

Depoimento, 2009

CONFERÊNCIA DE HOMENAGEM

11 | 12 | 2017

Sala de Actos
Instituto Superior de Agronomia, Tapada da Ajuda, Lisboa



Instituto Nacional de
Investigação Agrária e
Veterinária, I.P.



Entrevista realizada em Carcavelos, a 23 de Novembro de 2009, no âmbito do projecto “Património científico: colecções e memórias”, do Instituto de Investigação Científica Tropical. A entrevista foi conduzida por Cláudia Castelo, à época investigadora auxiliar (Compromisso com a Ciência) no IICT, gravada em vídeo por Rogério Abreu e transcrita por Maria João Abreu. Transcrição e edição vídeo disponíveis em: <http://actd.iict.pt/view/actd:MOALA>

Cláudia Castelo (CC): O Professor Ário Lobo Azevedo nasceu em Lourenço Marques, a 1 de Dezembro de 1921, é professor catedrático jubilado da Universidade de Évora. Foi docente no Instituto Superior de Agronomia, chefe da Missão de Pedologia de Angola, secretário provincial de terras e povoamento em Moçambique, director do Centro de Estudos de Pedologia Tropical da Junta de Investigações do Ultramar e reitor da Universidade de Évora. Professor, gostava que começasse por nos falar um pouco do seu contexto familiar.

Ário Lobo Azevedo (ALA): Nasci em Moçambique, o meu pai era, simultaneamente, agricultor e comerciante, se bem que a actividade mais importante da sua vida fosse a de comerciante. O meu pai foi um homem curiosíssimo, emigrou para África em 1900, eu nasci em 1921, portanto já era homem formado. O meu pai teve altos e baixos. Houve uma altura em que, não digo que nadasse em dinheiro mas tinha verbas disponíveis para ter uma vida perfeitamente aceitável, mas houve uma altura em que a coisa foi complicada e eu, nessa altura era aluno do liceu, resolvi ir trabalhar, para ajudar. O meu pai quis-me pôr num escritório e eu recusei ir para um escritório, preferi ir para uma oficina, comecei como aprendiz e trabalhei na oficina, aprendi a reparar bicicletas e motocicletas, era aquilo que eu fazia como aprendiz numa oficina, onde estive durante cerca de 4 anos, não foi nada mau, mas esses 4 anos mostraram-me uma coisa engraçada, a oficina tinha vários operários, eu era um deles, era o mais novo e descobri que o facto de eu ter melhor educação, saber inglês, permitia-me ler os catálogos e os livros de instruções, rapidamente subi na hierarquia da oficina e aprendi o valor do estudo quando era garoto.

A minha mãe era professora primária, foi ela que me ensinou, fiz a instrução primária quase toda em casa e fiz um liceu aceitável, nada de especial. Os primeiros anos, tive uma coisa curiosa, reprovava sistematicamente numa cadeira, mas passava, nessa altura podia-se passar com uma cadeira reprovada. A partir do 4.º ano, quando tive o tal professor [Jardim], foi no primeiro dia da aula de história, começa por nos dizer que o livro oficial adoptado – era o do Alfredo Pimenta – não prestava para nada e que nós só íamos estudar história de Portugal pelo António Sérgio, abrimos os olhos, foi a partir daí que comecei a ler outras coisas.

Fiz o liceu e havia um problema, nessa altura tinha que vir estudar para Portugal para a universidade. Tive um percalço aborrecido, quando fiz o 7.º ano, havia uma regra pela Câmara Municipal de Lourenço Marques, onde eu vivia, que quem tivesse 14, a Câmara dava uma bolsa de estudo e quando eu fiz o 7.º ano, houve um professor que me disse, parabéns Ário conseguiste o 14, tens 13,6 é 14, não vale a pena, mas quando fui à pauta só estava 13, depois ele veio-me explicar que, houve uns senhores que acharam que eu não merecia o 14 e que ficava com 13, de modo que, perdi a bolsa de estudo, isso obrigou-me a estar durante 6 meses a trabalhar para pagar a passagem para Lisboa.

Bom, agora a escolha do curso. Eu tinha uma ambição, era ser construtor de aviões, era a minha paixão, os aviões. Em Moçambique os aviões apareceram cedo, houve carreiras aéreas mais cedo do que aqui, engraçado, e os aviões eram a minha paixão, mas não havia nenhum curso em Portugal que tivesse aviação, só através de um processo, a aviação militar, para isso tinha que entrar na aviação militar, tinha que concorrer mas, para concorrer, tinha que ter preparatórios, descobri que os preparatórios de Agronomia serviam, de modo que, devido à pressão da família, fui para Agronomia. Acontece que, quando chega a altura de me apresentar ao serviço militar, sempre com a ambição de passar para a aviação e aprender os aviões, não tinha peso para voar, era tão magro, tão magro, que não tinha peso para voar, de modo que fui excluído, de modo que fiquei em Agronomia.

CC: Quer falar-nos do curso de Agronomia, quem foram os seus mestres, os professores que mais o marcaram?

ALA: Quem mais me marcou foi o Botelho da Costa. Mas começo por referir outro que também me marcou bastante, por outro lado, por uma razão completamente diferente. Quando vim estudar para Lisboa, um primo muito afastado da minha mãe, era oficial de marinha, e foi vice-presidente da Junta de Investigações, nessa altura das Missões Geográficas [e Investigações] Coloniais, era o vice-presidente, o comandante [José L.] Teixeira Marinho. A minha mãe era parente muito afastada dele e, quando eu cheguei cá, fui a casa dele, que já conhecia, porque ele foi várias vezes a Moçambique de barco, nos barcos de guerra e eu, conhecia-o de lá e apresentei-me, disse que vinha estudar aqui e ia para Agronomia e ele disse: “Ah, o meu cunhado é professor de Agronomia”. De modo que, escreveu um bilhete para o Professor Mário de Azevedo Gomes, para ir visitar o Professor Mário de Azevedo Gomes, eu como disse, nessa altura era magríssimo, era um esqueleto, vestia-me bastante mal, nunca gostei de me vestir muito bem e fui a casa do Professor Mário de Azevedo Gomes, aliás o primo da minha mãe já lhe tinha telefonado a dizer que eu ia lá. Fiquei muito surpreendido, encontrei um senhor com uma certa idade, com uma barba cerrada, quer dizer aparada, mesmo cerrada que eu não estava habituado a ver, e recebeu-me muitíssimo bem. Fez-me uma série de perguntas e tive o cuidado, depois vim a saber... (Para mim, sob o ponto de vista pedagógico, o melhor professor que tive foi o Professor Mário de Azevedo Gomes). Mas, o Mário de Azevedo Gomes, começa a conversar comigo e descobre rapidamente que eu tinha sido educado no meio tropical e que não fazia a mínima ideia do que era o Mediterrâneo. Eu, por exemplo, nunca tinha visto uma oliveira, videiras tinha visto algumas, mas as videiras de Moçambique não eram iguais às de cá, não fazia a mínima ideia do que era um sobreiro, ou uma azinheira, para mim era tudo palavrões que eu não fazia a mínima ideia do que eram, o que significavam, e o Azevedo Gomes percebeu isso, numa conversa que teve comigo e fez uma coisa espantosa, sob o ponto de vista pedagógico, recomendou-me, diz-me: “você vai fazer o exame de aptidão, tem as cadeiras do liceu, portanto isso é um dos problemas do liceu, mas você para entrar em Agronomia, na Agronomia tem que conhecer Portugal e você vai ler o Barros Gomes” e deu-me as cartas elementares do Barros Gomes e li-as, estudei as cartas elementares do Barros Gomes, para mim foi uma surpresa, não fazia a mínima ideia do que é que acontecia. Não sei se já lhe contei a história. Os espanhóis quando foram para a América Latina, quando escrevem sobre a América do Sul, quando descrevem, nomeadamente, o rio de la Plata, dizem que lá chove no Verão, “contrário à ordem divina”. Como bons castelhanos que eram, a ordem divina, tem que chover de Inverno. Muito mais tarde, foi bastante mais tarde, descobri uma coisa espantosa, que o clima mediterrânico é o mais raro do mundo, é o que ocupa menor superfície na terra, mas ele percebeu isso e [inaudível], foi muitíssimo útil, foi espectacular, o efeito que teve mas fez mais que isso, quando comecei as aulas ele era professor de botânica, quando comecei as aulas de botânica, ele chamou-me numa das aulas e interrogou-me para perceber se eu tinha estudado o Barros Gomes, foi espectacular, como verificou que eu tinha estudado, ficámos muito satisfeitos um com o outro, a coisa correu muito bem. Portanto, Mário Azevedo Gomes é um homem muito marcante na minha vida, principalmente nisso, no começo da vida. Logo a seguir, também marcando-me, o Professor de Matemática, Victor Hugo de Lemos, Victor Hugo de Lemos dizia-nos nas aulas que, se estivéssemos atentos à aula, não precisávamos de estudar porque passávamos. Bom, era verdade, se a gente estivesse de facto atento à aula, e seguisse o que ele explicava, no fim, a gente fazia as provas e tínhamos um 10 ou um 11, não era nada de mal, em suma, era verdade. O outro Professor, foi Botelho da Costa, logo no primeiro ano tive também Botelho da Costa, em aulas práticas, nessa altura ainda era só professor auxiliar de carreira, a designação depois acabou, e gostei imenso das aulas dele.

CC: Qual era a disciplina que o Professor Botelho da Costa dava?

ALA: Física Agrícola. Estudava os solos sob o ponto de vista físico, isso foi um começo. O Botelho da Costa é um homem, escrevo num trabalho que tenho aí, que nunca percebi como é que ele escolheu a carreira pedagógica porque ele era muito reservado, as suas aulas eram frias, era pedagogicamente perfeito, sob o ponto de vista da exposição e de conceitos, era uma perfeição, mas não tinha qualquer contacto com os alunos, havia uma distância espectacular entre professor e alunos. Nas práticas não,

isso era engraçadíssimo, de modo que passei-me a dar muito bem com o Botelho da Costa, e passei a ser, digamos, um dos meninos do Botelho da Costa.

CC: E, na sequência do curso, que perspectivas de emprego é que se abriram?

ALA: Nessa altura, agronomia tinha emprego. Havia muito poucos engenheiros agrónomos, o meu curso foi um curso que marcou a viragem porque foi o primeiro curso que ultrapassou os 100 alunos, no primeiro ano, e era o primeiro curso que tinha 12 mulheres, foi de facto um curso que fez uma viragem na história da agronomia. Portanto, as possibilidades de emprego eram razoáveis, cá e em África, nomeadamente, não havia grandes problemas. Mas quando eu estava aluno do 4.º ano deu-se uma circunstância muitíssimo estranha, o Professor Botelho da Costa adoeceu muito gravemente, durante cerca de um ano, não pôde dar aulas, ele era só professor auxiliar e professor da cadeira do Professor Mendes Frazão, também outro homem notável por quem eu tenho muito respeito, fiquei com muito respeito posteriormente, porque as aulas dele eram uma monotonia inacreditável, a gente saía das aulas, era preciso ter paciência para ouvir a aula até ao fim e depois, quando ouvíamos a aula estávamos desesperados, mas depois vim a descobrir que ele era completamente diferente e o Professor Frazão fez uma descoberta fantástica em 1944. Não tinha ninguém para dar as aulas práticas, inventou uns monitores, e contratou 3 alunos, entre estes 3 alunos, eu fui um deles, para sermos monitores e nós é que passámos a dar as aulas práticas de agronomia. Mais tarde, Botelho da Costa volta, mas como dessa outra vez houve um grande aumento do número de alunos e foi preciso arranjar mais gente e o Frazão, mais uma vez, descobriu uma coisa espantosa, como eu já tinha acabado a parte lectiva do curso, na Universidade Técnica podia ser considerado como assistente e contratou-me como assistente. E foi assim que eu comecei a trabalhar com Botelho da Costa e também Eduardo Mendes Frazão / **CC:** E começou em.../ em solos.

CC: Professor Ário, como caracteriza o seu gosto pela actividade docente?

ALA: Eu dava aulas práticas, havia coisas que achava curiosas, gostava inclusivamente de discutir com os colegas, estava numa situação mista, eu era aluno do 5.º ano e simultaneamente professor dos alunos do 1.º, de modo que, havia ali um tipo de relações muitíssimo curioso, gostava principalmente de discutir, tentar fazê-los perceber aquilo que nós queríamos que eles atingissem. Foi na parte da docência, foi a parte que mais me interessou, por outro lado, o Botelho da Costa era um cientista notável. Nessa altura, não sei se sabe que em 1936 foi publicada uma lei, que os lugares de investigadores nos estabelecimentos de investigação do Estado eram incompatíveis com o lugar de professor da universidade, de modo que, Botelho da Costa estava afastado de toda a investigação do Ministério da Agricultura, apesar dele trabalhar em agricultura, mas ele era um cientista, e de modo que criou gente e essa foi a parte que mais me entusiasmou de Botelho da Costa, foi acompanhar o trabalho dele, como é que a gente ia desenvolvendo as nossas actividades.

O Botelho da Costa tinha uma regra espantosa, explicava-nos o que pretendia, familiarizava-nos com os materiais, com os instrumentos e depois durante cerca de um mês a gente não podia falar com ele, nós é que tínhamos que resolver as nossas dificuldades, se ao fim de um mês, não um mês exactamente, não os 30 dias de calendário, cerca de um mês, cerca de 30 dias, nós íamos discutir com ele as nossas dificuldades e depois repetia-se outra vez a cena, discutia connosco e agora vai sozinho outra vez. De facto, sob o ponto de vista pedagógico, foi fabuloso esse processo de treino que ele estabelecia, não era só comigo, era com todos os alunos que trabalhavam com ele, e tinha imensos alunos a trabalhar com ele. Fez outra coisa espantosa, o Botelho da Costa, em 1943, há um congresso e publica trabalhos e apresenta trabalhos ao congresso, mandando alunos como colaboradores e assinando, foi a primeira vez que isso apareceu em Portugal, alunos universitários a acompanharem os professores na apresentação de comunicações, eu fui um deles, por exemplo, mas houve mais, não fui o único.

CC: Já agora que está a falar do Professor Botelho da Costa – de quem se considera discípulo, não é verdade? –, pode falar-nos um pouco do percurso do Professor Botelho da Costa?

ALA: O Professor Botelho da Costa tem um percurso curiosíssimo. Era sobrinho de um professor do Instituto Superior de Agronomia, que o ajudou muito, é preciso acrescentar, o Professor Rui Mayer, um homem também notável. E, vou-lhe explicar agora uma razão desta minha afirmação do Rui Mayer, começou a trabalhar e nessa altura, foi em 30 e poucos, deu-se à escala mundial uma revolução espantosa, até aqui os estudos dos solos eram feitos pela Escola Alemã, pela Escola Francesa e pela Escola Americana. Mas, fins da década de 20, princípios da década de 30, começaram a ser divulgados os trabalhos da Escola Russa e nessa altura o bolchevismo era um anátema em todo o mundo, não era só na Europa, era em todo o mundo e a divulgação dos conceitos Russos, foi notável, porque eles tinham uma boa escola e o Botelho da Costa teve oportunidade de analisar a situação, imagine, em pleno Estado Novo e houve uma vantagem espantosa, é que o Professor Rui Mayer sabia russo, isso facilitou imenso, quer dizer, a maior parte do trabalho do Botelho da Costa foi lido quer dizer foi feito através de traduções mas, Rui Mayer ajudava-o com o próprio original, de modo que, isto só para explicar esta situação. Bom, Botelho da Costa, começa por apresentar um trabalho notável sobre o problema de novos conceitos e para a Europa naquela altura aqueles conceitos eram absolutamente novos, para a Europa e para todo o mundo. Consegue depois uma bolsa de estudo e vai para a estação experimental de Rothamsted, em Inglaterra, que era nessa altura a estação mais célebre em todo o mundo e tem a sorte de também trabalhar com um homem muito bom e os dois apresentam, num dos congressos de solos, uma maneira completamente diferente de medir a água no solo, nessa altura foi notável esse melhoramento. Mas, o Botelho da Costa fez outra coisa espantosa, aproveitou a sua estada em Inglaterra, não só para o trabalho que estava a fazer e dentro do estrito dos limites da investigação que estava a realizar, para se familiarizar com outros campos [inaudível] conhecer pessoas, apanhar bibliografia e o resultado, adquiriu uma cultura vastíssima, que nessa altura era pouco vulgar em Portugal, no campo dos solos. Veio para Portugal mas, dada a separação oficial, investigação é uma coisa, ensino é outra, ele não podia, nem sequer era chamado ao Ministério da Agricultura, para as coisas relacionadas com a agricultura e foi uma pena porque se ele tem tido, se têm sido ouvidas as orientações dele, o Ministério da Agricultura tinha dado uma volta completamente diferente daquela que deu, e isso foi uma pena.

CC: Veio a ter uma oportunidade no Ministério do Ultramar?

ALA: Exactamente. Dá-se uma circunstância curiosa, quando eu tinha acabado o curso, a Junta de Exportação de Cereais das Colónias, como assim se chamava, tinha um problema gravíssimo em Angola, a produção de milho, que era o problema fundamental da exportação de Angola, estava afectada por vários problemas, nomeadamente, o problema da erosão do solo, devido às técnicas culturais que eram praticadas. E, quando contacta com o Botelho da Costa, o Presidente da Junta, que também era professor de agronomia, Professor António Barreto, António de Matos Barreto, não confundir com este António Barreto, o António Barreto conhecia o Botelho da Costa, também me conhecia a mim, convida o Botelho da Costa a ir a Angola fazer a prospecção geral dos solos de Angola, para tentar apresentar directrizes, não era para resolver o problema, era para apresentar soluções para o futuro. E assim foi, eu e o Botelho da Costa estivemos cerca de 6 meses em Angola, a trabalhar no campo, corremos Angola toda, toda não, mas um bom pedaço de Angola. Fizemos um relatório, o Presidente da Junta de Exportação dos Cereais das Colónias, aceitou o relatório e as sugestões e em Angola começou-se a trabalhar de acordo com aquilo que o Botelho da Costa recomendava nos seus estudos, inclusivamente, começaram-se a fazer estações experimentais, no sentido de procurar encontrar soluções, face às sugestões que o Botelho da Costa fazia para a investigação. Isto deu um certo nome ao Botelho da Costa, o Botelho da Costa foi muito cuidadoso, agarrou a oportunidade com ambas as mãos, estudou desalmadamente, ele tinha uma capacidade de trabalho inacreditável, era muito inteligente, apanhava muito bem as coisas e, rapidamente, digamos, em meia dúzia de anos, foi à volta disso, o nome Botelho da Costa, em relação aos solos tropicais, começou a ser conhecido. A ida para Angola, minha com o Botelho da Costa, foi o fim da minha colaboração imediata com o Botelho da Costa porque casei nessa altura, tive que arranjar [um emprego], o ordenado de assistente era uma miséria nessa altura, era uma coisa inacreditável o ordenado de assistente, recebíamos em função do número de horas, como não podíamos ter mais de 12, era uma desgraça. E casei nessa altura, arranjei

outro emprego e o outro emprego foi para o Centro de Investigação Científica Algodoeira de Moçambique, continuar na actividade científica. Aí, o director era o Aurélio Quintanilha, encontrei lá bons companheiros, é um facto, gente muito boa, muito bem preparada, muito conscienciosa, onde trabalhei durante cerca de 4 anos. Mas terminado o meu trabalho com a Junta, eu não era funcionário era contratado para fazer aquele trabalho simplesmente o trabalho acabou. Nessa altura, eu fiz as cartas dos solos do Niassa, Manica e Sofala, Sul do Save e Tete, que era Manica e Sofala, nessa altura, e assim se cobriu o território todo. O Gouveia fez Niassa comigo e Sul do Save comigo. Separadamente o Gouveia fez a Zambézia e eu fiz Manica a Sofala e depois acabou o meu trabalho. As minhas ligações com o C.I.C.A., acabaram. Tive uma sorte espantosa outra vez, o Botelho da Costa que estava afastado destas coisas todas, é chamado pelo subsecretário de Estado do Fomento Ultramarino, Trigo de Morais, para fazer a primeira prospecção de solos de Angola para os futuros regadios, o Botelho da Costa aceita. Agora eu em termos cronológicos, não sei exactamente, mas julgo que foi depois disso que ele entrou para a Junta de Investigação do Ultramar ou Junta das Missões Geográficas e de Investigações Coloniais, como vogal, ele foi vogal do Conselho [sic: do Plenário], mas em todo o caso, a missão de Angola, era chamada a Missão Agrológica de Angola, era directamente responsável junto do Trigo de Morais, subsecretário de Estado e eu fui para Angola, fui para o Cunene, sai de Moçambique, e agarrei a oportunidade com ambas as mãos e começámos por trabalhar no Cunene em 1951. Estivemos todo o ano de 51 no Cunene, voltámos depois, no ano de 52, foi Cuanza e Cunene também e 53 também Cuanza e Cunene. Fizemos a carta de solos do Cunene, do Cunene não, de parte do Cunene, o Cunene é muito grande, só se fez parte do Cunene, o que permitiu uma coisa: mais tarde completei, eu conheço o Cunene quase todo a pé, há um troço do Cunene que eu não conheço, que é na fronteira sul, que é uma zona escarpada, eu não sou alpinista, não sei, nunca lá fui, mas vi, atravesssei isso de avião, quis ver exactamente o Cunene, conheço o Cunene desde a nascente até à foz, foram nessa altura cerca de 4 anos de trabalho permanentemente no campo.

CC: Gostava que nos falasse com detalhe como é que organizava o trabalho de campo e como é que decorria depois o trabalho de campo.

ALA: Pedíamos as cartas todas que era possível obter: geográficas, geológicas, fitogeográficas. Planeávamos o tipo de reconhecimento que íamos fazer. Houve dois tipos de trabalho completamente diferentes. Os trabalhos da carta geral, que íamos percorrer o território todo; e as cartas especiais para o regadio, só no Cunene e no Cuanza, mas a técnica preparatória de gabinete era sempre a mesma, obter toda a documentação, todos os elementos possíveis da documentação existente sobre geologia, topografia, fitogeografia e, no caso dos rios, alguma informação acerca dos rios propriamente ditos, e depois planeámos fazer o reconhecimento de todos eles. Já levávamos daqui, daqui não, eu fiz grande parte de trabalho de gabinete em Angola. Conforme as diferenças, íamos tentar perceber as diferenças, depois íamos para o campo. Vivíamos em acampamentos, tínhamos jipes, apareceram os primeiros Land Rovers, lembro-me perfeitamente que em Angola começámos a trabalhar com Land Rovers, e aquilo que em Angola chamam as carrinhas, camionetas muito pequenas, de 700 kg e tínhamos um camião, que depois levava a tralha toda, repare, nós trabalhávamos, em geral, com 10 técnicos e depois pessoal auxiliar e tínhamos que ter barracas para alojar esta gente toda, só o camião levava umas dezenas de barracas para a gente se instalar.

O trabalho no campo era muito duro, levantávamo-nos antes do nascer do sol e porque ao nascer do sol já estávamos no campo a trabalhar, que era para aproveitar as horas, aliás nas zonas tropicais, o dia tem 12 horas e a parte da tarde é muito quente, de modo que, era muito desagradável trabalhar de tarde, de modo que, nós levantávamo-nos às 5 da manhã, às 6 da manhã estávamos no local de trabalho e voltávamos ao acampamento às 3 da tarde. Para o campo, não levávamos nada, excepto água, tínhamos o pavor da água inquinada, para nós, era só água, era a única coisa que a gente levava. Voltávamos às 3 da tarde, às 3 da tarde almoçávamos, descansávamos um bocadinho e as últimas horas de luz, eram a fazer o apanhado do trabalho de campo, aquele trabalho que se tinha feito nesse dia e planear o dia seguinte, assim é que fazíamos.

Nos trabalhos de pormenor do Cunene e do Cuanza, tínhamos carrinhas ou jipes para essas pessoas, que nos iam pôr no lugar do trabalho e depois nós andávamos a pé, tinha que ser, não havia outro processo de fazer o trabalho, este era o problema do trabalho de pormenor.

Os problemas de trabalhos da carta geral, a preparação era semelhante, apenas a escala é que é completamente diferente, enquanto num caso, trabalhávamos a 1:25000, no outro era para meio milhão, de modo que fazíamos o planeamento na escala de meio milhão, as grandes diferenças, nessa altura só queríamos as grandes diferenças, e então planeávamos as rotas de modo a cruzarem as grandes combinações de factores. Saímos de carro e o carro tinha uma pessoa que guiava, um que ia à janela, a olhar para o terreno e outro no meio a escrever e o que ia a olhar pela janela ia descrevendo o que ia vendo, a uma velocidade muito baixa, a 30 km, quando encontrava uma situação diferente ou nova ou que valia a pena anotar, parava-se e então fazia-se um exame local do solo naquele momento, voltava-se para o carro e continuava o trabalho e íamos anotando, quando havia diferenças parava-se, para tornar a fazer exame e assim sucessivamente.

Ao fim do dia, a rotina era sempre a mesma, o resumo do trabalho feito e o arquivo porque cada exame exigia um registo especial, eu por exemplo, tenho cópias está a ver o que isto é, olhe para isto: estação 25, perfil 66, está a ver? isto tinha que ser analisado todos os dias, este trabalho de gabinete, era todos os dias analisado, para termos a certeza que no dia seguinte íamos trabalhar outra vez. Colhíamos as amostras / **Rogério Abreu (RA)**: A que é que correspondia uma estação? / Era um local de observação, um local mais detalhado de observação. / **RA**: E o perfil? / O perfil é o corte do terreno na vertical até à profundidade, até pelo menos 2 metros, cerca de 2 metros, melhor, não vale a pena a gente agora a discutir os centímetros. Se a rocha estiver mais perto, é menos mas se estiver mais funda, mais que 2 metros não íamos, de modo que depois descrevíamos cuidadosamente o que estava por ali abaixo. / **CC**: E faziam a recolha. / E fazíamos a recolha das amostras. Já agora um pormenor, como sabe, nos territórios africanos, as pessoas todas têm alcunhas, nós éramos os Jimbos, os ursos-formigueiros, estávamos sempre a mexer na terra. As amostras vinham para Lisboa e eram analisadas nos laboratórios aqui de Lisboa e, depois nessa altura, fazia-se um novo relatório, outra vez, então a técnica do Botelho da Costa, isto era um trabalho de campo, isto é o arquivo do trabalho de campo, a técnica do Botelho da Costa, é que fazíamos logo um relatório preliminar, ou melhor, mais concretamente, quando acabava uma campanha, no fim do ano, em Novembro ou Dezembro, fazíamos um relatório descritivo, fizemos isto, fizemos aquilo, fomos a tal sítio, batemos esta zona, colhemos tantos perfis, isto era o relatório administrativo, digamos assim, mas, simultaneamente, começava logo um trabalho preliminar de enquadramento de toda a informação colhida, tanto quanto possível, e sugestões para trabalhos posteriores, portanto isso era imediato, isso era duas coisas, o chamado relatório administrativo, que era o Botelho da Costa que o fazia, depois, mais tarde, fui eu, mas essencialmente era o Botelho da Costa que o fazia, e depois tínhamos os relatórios técnicos, a que nós chamávamos relatórios preliminares e depois, guardávamos as análises e quando as análises vinham, fazíamos um relatório definitivo. Foi esta a técnica que se foi desenvolvendo sistematicamente, inicialmente, na tal Missão Agrológica da Junta de Exportação de Cereais das Colónias e depois, mais tarde, na Missão de Pedologia de Angola, porque quando nós estávamos a trabalhar no Cunene e no Cuanza, foi possível fazer a transformação, quando se acabou o trabalho do Cunene e o trabalho do Cuanza, foram publicados, não o do Cuanza não foi, mas o do Cunene foi publicado, o Botelho da Costa já era vogal da Junta de Missões Geográficas e de Investigações Coloniais, conseguiu a criação da Missão de Pedologia [de Angola], porque rapidamente os quadros que tínhamos passaram para a Missão de Pedologia. Eu era adjunto do Botelho da Costa, ele era o chefe e eu era o adjunto e então começou a carta sistemática de Angola, com todo o cuidado e conseguiu-se, está praticamente feito, e grande parte publicada; só estão a faltar umas folhas. São cartas notáveis, são as melhores cartas que eu conheço de solos feitas em Portugal, porque têm uma descrição exacta, têm muitas análises e têm muita interpretação correcta. Aqui em Portugal, infelizmente, não se fez isto, não se seguiram os conselhos do Botelho da Costa, nem a doutrina do Botelho da Costa e resultado: esbanjou-se dinheiro estupidamente, com resultados desastrosos.

CC: E porque é que aqui em Portugal não se quis seguir [a metodologia do Prof. Botelho da Costa?]

ALA: Foi a tal separação espantosa, havia uma separação, ensino é ensino, e investigação é investigação, isso, felizmente, depois desapareceu, mas naquela altura era assim, era de lei, estava no Diário da República, os lugares eram incompatíveis, de modo que, apareceu uma gente que se instalou na investigação e que tinham outras ideias, infelizmente não foram boas.

CC: Queria que regressasse só um bocadinho atrás, para nos falar do seu estágio nos Estados Unidos.

ALA: Quando acabei o curso, estava indeciso com o que ia fazer, fui para Angola primeiro, estive em Angola durante o ano de 46 quase todo, e no fim de 46, consegui uma licença de 15 dias e fui para Moçambique, para a família, que já não via havia 5 anos, estive com a família. E, o meu pai, nessa altura, que estava ligado à agricultura e ao comércio, e era comércio de máquinas agrícolas, entre outras coisas, ele negociava em várias coisas, mas uma delas era o comércio de máquinas agrícolas, conseguiu que uma fábrica, de quem ele era representante, me recebesse e fui inscrito nesses cursos. Saí daqui, fui para os Estados Unidos, primeiro para uma cidade que tem um nome esquisitíssimo, que se chama Peoria, Peória em inglês, mas em português é Pioria, que é no Illinois, onde está a sede da Caterpillar, a maior fábrica de tractores do mundo, e estive cerca de 4 meses a trabalhar na Caterpillar. Gostei imenso de trabalhar na Caterpillar, aprendi imenso e fiquei impressionado com os métodos de ensino daquela gente. Havia um monitor por 4 alunos, às 8 da manhã, tínhamos que estar em frente do nosso local de trabalho, já com o fato de macaco vestido, depois davam-nos um problema, o primeiro dia foi de exposição, o que é que íamos fazer, deram-nos os manuais de reparação de máquinas e o grupo A, B, C, D, E, já não me lembro qual era o meu grupo, mas o grupo quando saía, havia um quadro e eu ia lá ver o quadro e via o trabalho do dia seguinte e dizia veja no manual da página tantos a tantos, veja no livro às páginas tantas às tantas, a gente estudava em casa, tínhamos que chegar à aula já com a lição sabida e além de fazer, de modo que isto foi utilíssimo, ah, e todos os dias tínhamos um exame, acabávamos um trabalho, íamos para outra sala, e fazíamos um teste americano. Numa altura perguntei ao tipo, tinha uma certa confiança com um dos monitores, e perguntei-lhe o que é que eles faziam aos testes, bom, se está em geral acima de C, não faz mal nenhum, se houver muitos D, nessa altura a gente manda-os embora. Aquilo era de uma exigência espantosa. Foi-me extraordinariamente útil essa minha passagem pela Caterpillar e não foi só pela Caterpillar, que eu nessa altura visitei dezenas, dezenas não, 4 fábricas de material: a John Deer, a Caterpillar, a Hyster, e não me lembro agora o nome da outra, e o resultado, conheci uma gama espantosa, apanhei uma gama espantosa de maquinaria, agrícola e industrial, porque eles depois não distinguiam, e deu-me uma familiaridade com as máquinas que me ajudou imenso depois, na minha vida profissional. Fiz uma outra coisa nos Estados Unidos, quando acabei esse estágio, escrevi ao meu pai, o meu pai pagou-me mais 3 meses nos Estados Unidos e fui para a Universidade de Tennessee. Não sei se se lembram de um programa importantíssimo que houve nos Estados Unidos, a TVA, que virou por completo a economia do Sul dos Estados Unidos, o que era o TVA, Tennessee Valley Authority, que era um organismo autónomo, inter-estadual, que estudava e explorava as potencialidades do vale do Tennessee e eu fui para lá, fui para a Universidade de Tennessee. Tive uma sorte espantosa, cheguei à Universidade do Tennessee, inscrevi-me num curso que lá estava, que foi possível fazer e, ao fim de pouco mais de uma semana de aulas, era um curso de pós-graduação, após uma semana de aulas, o orientador chama-me e diz-me, «oiça lá, você tem muito melhor preparação do que os alunos que cá estão», repare, eu já estava formado, já tinha pelo menos dois anos de experiência, ao passo que os outros eram ainda alunos, fresquinhos, na ascensão normal da vida académica, «você veio para os Estados Unidos para obter um grau, ou para aprender a fazer coisas?» «Eu vim para aprender a fazer coisas». «Então pronto, acabou, você não vai mais para o curso, acabou». E fez uma coisa espantosa, contactou directamente com a TVA, era professor universitário, nos Estados Unidos da América há interligação entre os diversos serviços, e contactou com as autoridades da TVA, os directores da TVA e eles meteram-me no seu grupo de trabalho, deram-me um monitor, com quem eu andei pelo Tennessee às voltas a aprender a fazer coisas, vi cartas de solos, mas nessa altura interessava-me muito mais aprender técnicas de conservação de solo, eu já tinha o treino das máquinas, a coisa foi relativamente fácil e comecei a trabalhar em técnicas de conservação do solo, onde estive também cerca de três meses, foi muitíssimo útil, esta minha estada na TVA. Acerca

do meu orientador, vou-lhe contar um pormenor engraçado, era o Professor Winters, em 1980 volto aos Estados Unidos e perguntei pelo Professor Winters, que já não via, saí dos Estados Unidos em 1947, só lá voltei em 1980, ah, fez uma carreira administrativa fabulosa, abandonou o ensino, fez uma carreira espantosa, de facto tinha as melhores impressões dele, mas ele não fez carreira académica, é engraçado, fez uma carreira administrativa espantosa. Nos Estados Unidos tive uma cena muito curiosa, para acabar, por conselho inclusivamente dos homens da TVA, dirigi-me ao departamento de agricultura, quer dizer, ao Ministério de Agricultura dos Estados Unidos, e agora há uma coisa engraçada que vale a pena referir em relação à minha estada na América, com grande surpresa, uma pessoa está habituada aos nossos cuidados aqui... já agora uma anedota, que passo a contar. Eu, quando era aluno de agronomia, ouvi falar de uns trabalhos de um senhor, chamado António de Oliveira Salazar, sobre a questão cerealífera e quis lê-los, nunca me deixaram ler, em agronomia porque o livro estava requisitado, na Biblioteca Nacional, estava nos reservados e eu não tinha categoria para ir aos reservados, só consegui ler o livro do Salazar muitos anos depois e depois percebi que ele era crítico em relação à situação produtora de cereais em Portugal e portanto, era muito mau a oposição utilizar as palavras do próprio Salazar, portanto estava habituado a ser excluído da Biblioteca Nacional, porque não tinha categoria para entrar lá, apesar de ser estudante de agronomia, ao passo que chego ao departamento de Agricultura dos Estados Unidos e sou estudante, tinha a minha credencial, quando obtive o visto para ir para os Estados Unidos da América arranjei uma credencial, mostrei a minha credencial, «sou estudante queria conhecer o que vocês têm aqui sobre conservação dos solos». «Sim senhor», receberam-me primorosamente, falei com o chefe dos serviços, um homem notabilíssimo que me disse numa altura: “Ah, você trabalhou com o Sr. Winters, ah, o meu melhor funcionário. É o melhor funcionário que eu tenho mas, não passa de senhor porque não quer ser doutor”. “Você teve uma sorte espantosa”, dizia-me ele, e de facto é verdade, tive uma sorte espantosa, e o departamento abriu-me as portas todas, eu tinha acesso a todos os gabinetes, não aos administrativos, mas à parte técnica, tinha acesso aos laboratórios, tinha acesso à biblioteca deram-me um passe para eu poder frequentar a cantina, para poder entrar a horas e sair, para poder mostrar ao porteiro, de modo que, foi muito útil a minha passagem pelo departamento de agricultura. Já agora um pormenor engraçado que é o reverso da medalha. Eu estava nos Estados Unidos, em pleno Macartismo e apanhei esse impacto espantoso de Macartismo e um dia na cantina do Ministério da Agricultura em Washington, estávamos a conversar, nessas cantinas a gente senta-se, vem quem vem, a gente não sabe quem, é um senhor qualquer, eu estava a conversar com um senhor qualquer e faço um comentário acerca do que um senador norte-americano tinha dito no senado acerca da política americana, América do Norte em relação à América do Sul e há um senhor, um macartista, com certeza, diz: “o senhor está a atacar os Estados Unidos”, eu disse: “desculpe, mas eu não estou a atacar os Estados Unidos, eu estou apenas a dizer que o senador tal fez esta afirmação”, “olhe, o senhor quando veio para os Estados Unidos fez a promessa que não atacava o governo dos Estados Unidos, se o senhor não se retratar imediatamente, eu peço a sua expulsão dos Estados Unidos”. Reparem, o contraste espantoso entre a recepção oficial que eu tive e este pormenorzinho, mas que me marcou, me ajudou a perceber um pouco as diferenças que há nos Estados Unidos e foi muito útil a minha passagem pelos Estados Unidos como vê.

CC: Que repercussão é que teve depois na sua actividade prática?

ALA: Isso trouxe-me uma visão completamente diferente da agronomia tradicional, nisto houve outro aspecto engraçado, que me ajudou imenso, repare, eu nasci em Moçambique, já disse há bocadinho que tinha imensa dificuldade em perceber esta história, lá em Moçambique chove no Verão e o Inverno é seco; e aqui chove de Inverno e o Verão é seco. Eu não conhecia as plantas de cá, vi-me doido para perceber o que se passava cá, quando era aluno tive que aprender e isso eu aprendi, mas aprendi e isso foi muitíssimo útil para mim, racionalmente, quer dizer, não aprendi porque absorvi, tentar pensar porquê e agora repare, acabado de formado fui outra vez para África. Primeiro Angola, depois Estados Unidos, depois vim e voltei para África e agora? Tive de dar outra vez outra cambalhota ao contrário, isso e o conhecimento que eu tinha das máquinas americanas, permitiu-me virar por completo determinadas práticas.

Agora outra informação, completamente diferente, houve outro professor de agronomia que me influenciou bastante, apesar de eu não seguir o curso dele, era o Professor Caldeira Cabral, que foi fundador dos Arquitectos Paisagistas em Portugal, eu fiquei encantado com o Professor Caldeira Cabral, foi o meu terceiro mentor, o Caldeira Cabral, era um homem de uma cultura espantosa, tinha uma visão muitíssimo curiosa dos problemas e quando eu fui para Moçambique, em conversa amena com ele, ele era um homem afável, acessível, a gente podia conversar com ele à vontade, pus-lhe o problema eu vou dar uma cambalhota tremenda agora, vou outra vez para África porque sei que aquilo é diferente e ele deu-me um conselho espantoso. Você vai para lá, e ao princípio faça como os outros fazem, e depois veja se há razões para isso e quando tiver razões para não fazer, não faça. De facto foi um conselho espantoso, de modo que eu cheguei a Moçambique, fiz como os outros faziam e depois, lentamente, fui mudando, fui mudando, fui mudando e apareceram coisas completamente novas. Entretanto, há problemas de vida privada com o meu pai e eu volto outra vez para Angola e então, começo a trabalhar e aí pude desenvolver as ideias que tinha e essa coisa toda.

Vou-lhe dar um exemplo, quando eu era aluno de agronomia, ainda hoje, agora já não, até à década de 80, para fazer trigo tinha que se fazer alqueive, era absolutamente axiomático, não se pode fazer de outra maneira, mas quando comecei a trabalhar em África, vi que isso não funcionava, tentei saber porquê e quando uns anos depois, eu voltei aqui, pus isso em causa, comecei a fazer agricultura sem alqueive, foi uma loucura, chamaram-me todos os nomes possíveis e imaginários, mas deu resultado, hoje em Portugal já se faz, em grande. Mas estava em Angola e o meu trabalho nessa altura, nessa fase de Angola foi muito útil para mim, porque trabalhava nos solos, mas ao mesmo tempo trabalhava as consequências dos solos em relação à agricultura, porque eu estava lá permanentemente, fui um dos poucos funcionários da Junta que não vinha a Lisboa, ficava na época das chuvas em Angola, de modo que me dava uma maleabilidade, nessa altura não podia ir trabalhar para o campo, de modo que ia visitar os laboratórios, ia visitar os campos experimentais e contactava com as pessoas que lá estavam, de modo que isso me deu uma mudança, uma viragem completa, na minha maneira de encarar as técnicas agrícolas. Preparação das máquinas, que me ajudou muito, mas depois deu-se a viragem completa. Em 1953, um bocadinho antes de 53, meados de 53, Botelho da Costa escreve-me. Há um pormenor engraçado o meu relacionamento com o Botelho da Costa, nós tínhamos que fazer muitos telefonemas e aprendi uma coisa que ainda hoje faço, quando tinha que fazer um telefonema, pensava nas perguntas e nas respostas possíveis e então os telefonemas eram sintéticos, mais que telegráficos e o Botelho da Costa da mesma maneira, os homens dos correios ficavam danados comigo, os meus telefonemas eram de escudos, não eram de centenas de escudos, eram só de escudos. Mas Botelho da Costa, que tive sempre muito boas relações com ele, manteve sempre contacto escrito, diz-me uma coisa que foi uma viragem completa, vai haver um concurso para professor de agronomia, de agricultura tropical, você pode concorrer, a coisa está complicada, o conselho escolar, que é quem decide essas coisas, eles estão divididos, há uns interesses de A, B e C, mas você pode concorrer, de modo que, você, quando abrir o concurso, eu aviso e você concorre, eu segui o conselho do Botelho da Costa, mal o concurso abriu eu concorri, o que deu uma circunstância inacreditável, os outros concorrentes desistiram, não sei porquê mas desistiram, de modo que fui o único concorrente para o concurso, mas fizeram-me uma exigência espantosa, nessa altura, eu a única coisa que eu tinha era o título de engenheiro agrónomo profissional e licenciatura reconhecida com o nível licenciatura, não havia mestrados, já havia doutorados e eu não tinha o doutoramento nem nada então fizeram uma coisa que eu até acho bem mas que foi violenta, eu fiz as provas todas no meu concurso, fiz provas iguais às do doutoramento e fiz o concurso para professor, tinha todas as exigências de um lado e todas as exigências do outro. A coisa correu bem, fui aceite, comecei a trabalhar em agricultura tropical e, nessa altura, comecei a teorizar sobre as técnicas que haviam de ser seguidas e comecei a teorizar, tinha a preparação do Botelho da Costa da parte da base que é o solo, tinha a preparação das máquinas e das operações e comecei a teorizar sob esse ponto de vista, e depois ia para África, constantemente, eu continuava na Missão de Pedologia [de Angola], nessa altura estava numa situação engraçada, durante cerca de 4 meses era pedologista, nos outros 8 meses era o homem da agricultura, mas fazia sempre a ligação e em Angola, conseguimos verificar que aquela teoria que eu estava a tentar definir era correcta e assim se passou e portanto, era a minha vida normal era o que eu fazia todos os dias.

Depois houve um incidente, veio o problema da guerra do Ultramar, eu saí de Nambongongo, um mês antes dos incidentes terem começado.

CC: Na altura o que é que sentiu?

ALA: Sentia um certo descontentamento entre as populações, era verdade era real, a gente sentia-nos contactos, eu, pessoalmente, nunca fui agredido nem ofendido, mas sentia uma certa hostilidade.

CC: Já tinha estado naquela zona, para poder comparar?

ALA: Já, exactamente. Já conhecia bem aquela zona, trabalhei lá. Senti uma certa hostilidade, não julguei que aquilo desse o que deu, foi uma surpresa para mim, os acontecimentos de Fevereiro de 61, olhe, Fevereiro de 61, quando se deu o assalto – eu saí de Nambongongo em 60 – saí em Fevereiro de 61 quando foi o assalto à cadeia de Luanda, umas horas antes eu tinha embarcado de Luanda para Lourenço Marques de avião, soube a sobrevoar a Rodésia, o que se estava a passar em Angola.

CC: Houve logo informação para quem ia no voo?

ALA: Houve, eu soube logo a informação no avião, eu era amigo do piloto, ia ao lado do piloto, e ele recebeu a notícia e eu soube-a no avião.

CC: O início da guerra colonial foi surpresa? As circunstâncias, mas não o conteúdo?

ALA: Foi surpresa as circunstâncias, não o conteúdo, para mim, aquilo era absolutamente previsível. Havia abusos inacreditáveis, já agora vou-lhe contar um. Eu quando fiz o reconhecimento algodoeiro do Niassa, era um problema gravíssimo, nós estávamos numa situação complicada, nós só tínhamos poderes e capacidade para fazer o reconhecimento algodoeiro, não podíamos interferir em mais nada, era aquela a nossa missão e não se saía dali, mas onde quer que eu fosse, assistia a mercados de algodão e fiquei absolutamente horrorizado com a política das concessionárias algodoeiras, eles queriam lá saber que a pessoa vivesse bem ou mal, trabalhasse ou não trabalhasse, tinha que fazer algodão o resto não interessava e não a deixavam fazer outras culturas e haviam zonas, eles queriam lá saber, para a companhia tanto fazia, um produtor entregar 1 kg como 10 kg, porque eles tinham milhares de produtores, 1 kg por milhares de agricultores, dá milhares de quilos, assisti a mercados de algodão em que vi que um agricultor recebia por ano de trabalho 1\$50, de modo que fiquei horrorizado com essa situação, de modo que, para mim, não foi surpresa de maneira nenhuma, não sei se sabe que as coisas começaram, o primeiro grande incidente em Angola, foi na Baixa de Cassanje, na Cotonang, algodão.

CC: E teve notícia desse incidente na Baixa de Cassanje, na altura?

ALA: Tive, mal mas tive, tive essa notícia, muito enevoada. Várias vezes me desafiaram para ir para África trabalhar em cargos mais elevados, eu sempre recusei, foi sempre uma coisa que não gostava da parte administrativa, era uma das coisas que me aborrecia, e disse-o, abertamente, inclusivamente, disse-o ao Eng.º Carlos Krus Abecasis, S[ub]secretário de Estado [do Fomento Ultramarino], que me desafiou duas vezes, até que, enfim, deu-se um conjunto de circunstâncias muito estranhas. Trato-me por tu com o Adriano Moreira, há muitos anos, conhecemo-nos, depois lidámos um com o outro e quando ele era ministro do Ultramar, era senhor ministro do Ultramar, com quem me tratava por tu. Por outro lado, um homem notabilíssimo, para mim, foi o almirante Sarmento Rodrigues, e o almirante Sarmento Rodrigues é nomeado governador-geral de Moçambique e convida-me para ir para secretário provincial de Moçambique. Eu já tinha tido outros convites, mas tinha sempre recusado e tentei fugir como o diabo da cruz, fugi. O Adriano Moreira, por um lado, e Sarmento Rodrigues, por outro, e há um incidente, eu vou a Moçambique de férias, visitar a família, que estava lá em Moçambique, e o Sarmento Rodrigues convida-me, já era governador, convida-me para ir ao palácio conversar com ele e fiquei absolutamente dominado pela personalidade do almirante Sarmento Rodrigues. Ele queria fazer coisas, e eram coisa com as quais eu concordava, e portanto para sair daí a minha posição era muito difícil, não sei se sabe da frase do Sarmento Rodrigues, que era autonomia progressiva e irreversível, não foi nada, mas era o programa dele, fez coisas espantosas. Eu vim para Lisboa, nessa altura já meio convencido, falei com o Krus Abecasis, ele deu uma série de conselhos

engraçados, eu aceitei ir para Moçambique e então fui para Moçambique como secretário provincial. O Adriano Moreira tinha publicado uma série de leis espantosas, mas como é normal, ele era muito cuidadoso e tinha uma visão do futuro, grande parte das leis, leis chave, só podiam entrar em vigor um ano depois, porque havia muito trabalho preparatório. Ora, o Adriano Moreira saiu em Dezembro de 62. Portanto, eu estava lá em Agosto, entre Agosto e Dezembro, o Adriano Moreira publicou uma série de decretos, notáveis, que tinham dois anos para serem postos em execução, ora, eram exactamente os meus 2 anos da comissão. Fiquei radiante com esses decretos e comecei a trabalhar nessa situação. Fartei-me de trabalhar, tive bom apoio das autoridades locais. O problema fundamental era rever o regime de concessões, não só do algodão, como do arroz e dos outros cereais e, ao mesmo tempo, rever o problema da lei de terras, era um dos grandes conflitos era o problema da lei das terras. O Adriano Moreira tinha uma ideia muito curiosa... Mudando completamente agora a escala do tempo, nós tínhamos um problema em África complicado, há o direito consuetudinário, varia de tribo para tribo, e depois havia o direito latino, romano, que é o nosso, e impunha a regra geral, de modo que, era um conflito permanente, entre o direito romano e o direito consuetudinário, isto é constante, e o Adriano Moreira meteu na lei de terras o respeito pela lei consuetudinária, tinha que se respeitar as características de cada região. Ora, isto era um instrumento fabuloso para vir virar do avesso, por completo, a nossa posição em África, e comecei a trabalhar nesse sentido. Fartámo-nos de trabalhar, arranjei bons colaboradores. Outro problema era o problema das concessões algodoeiras, nessa altura acabou o estatuto de indigenato e, portanto, os africanos não eram indígenas, eram cidadãos e como tais tinham os mesmos direitos que os outros cidadãos, e eu mandei aplicar a lei, tal e qual estava estabelecido. Foi um conflito tremendo com os concessionários, foi um inferno, fizeram todos os possíveis e imaginários para que isso não entrasse em vigor, e qual não é a minha surpresa, quando em Setembro de 1963, isto é, dois anos depois, quando ia entrar em vigor a lei do Adriano Moreira, o Silva Cunha revoga tudo, de repente, acabou. Voltava-se outra vez ao *status quo*. Mas, voltando ao problema que eu queria dizer do Adriano Moreira, há questão de, agora já tenho dificuldade em contar o tempo, há uns 15 anos, fui à Guiné em serviço e uma das coisas que eu tinha era problemas de ensino, fundamentalmente, mas problemas de ensino têm outras repercussões, e o Presidente da Guiné, Luís Cabral, convidou-me para eu fazer uma visita a toda a Guiné-Bissau, que eu já conhecia, porque já tinha trabalhado no Geba, em regadio, e queria que eu apresentasse uma [solução para a] questão das terras. Eu conhecia já razoavelmente bem a Guiné e aqui, encontrei uma coisa espantosa, que o direito consuetudinário variava de região para região, porque há ali etnias diferentes, regiões diferentes, de modo que é um complexo, inacreditável, de diferenças. E regresso a Bissau, depois de uma volta pela Guiné, regresso a Bissau e tenho uma reunião com a comissão que tratava das terras no Parlamento guineense e com essa comissão, põem-me problemas. E eu disse: “meus caros amigos, eu não posso tomar qualquer decisão, sem saber quem é o dono da terra, quem é que decide, enquanto vocês não resolverem esse problema, não é possível dar uma sugestão, nem seja o que for”. Continuamos a discutir este problema e depois há um dos homens do Parlamento da Guiné que me diz: “temos que voltar à lei do Adriano Moreira”, assim mesmo. Eu regresssei da Guiné, cheguei à tarde e, só à noite é que apanhei o Adriano Moreira, e tive que lhe contar pelo telefone, não resisti a esta situação. “Temos que voltar à lei do Adriano Moreira, que é a melhor de todas”. Mas não foi possível pôr em execução a lei do Adriano Moreira, então eu desisti.

CC: Demitiu-se?

ALA: Ainda aguentei uns meses, por pressões várias do [novo governador], entretanto o Sarmiento Rodrigues sai, foi um grande golpe, a saída do Sarmiento Rodrigues, foi um golpe feroz, é inacreditável, como é que se trata assim um homem daquela categoria do Sarmiento Rodrigues. O novo governador, era um pobre diabo, desculpem a expressão, sério, mas sem a categoria do Sarmiento Rodrigues e pediu-me para estar para garantir a transição. “Está bem, a transição está bem”. Estive uns meses, não tenho razão de queixa dele, portou-se muitíssimo bem comigo e foi muito honesto comigo, mas não é o Sarmiento Rodrigues, era outro mundo e então, vim-me embora.

CC: Não foi possível fazer essa reforma?

ALA: Não. Fizemos durante 6 meses, parte, as reformas das concessionárias algodoeiras, só funcionou durante 6 meses, mas mal eu saí, acabou tudo, voltou tudo à primitiva, durante 6 meses ainda essa reformazinha. A FRELIMO, por exemplo, detestava-me a mim e ao meu director, o colaborador mais directo, que era o Eng. Mário de Carvalho, porque estávamos a destruir as bases da revolta, fomos avisados.

CC: O Professor Ário está convencido se tivesse sido possível levar avante as vossas reformas...

ALA: Se Sarmento Rodrigues tem conseguido levar avante o projecto que ele tinha, nós tínhamos conseguido uma transição absolutamente pacífica e aceitável para Moçambique. Angola, não conheço bem o problema de Angola, porque depois, estive muito tempo afastado de Angola e politicamente nunca estive ligado ao problema de Angola, mas em Moçambique, não há dúvida, se o Sarmento Rodrigues se mantém e as ideias que ele tinha fossem postas em prática, dentro de um prazo aceitável, aquilo tinha evoluído de uma maneira completamente diferente.

CC: Com integração também das populações locais?

ALA: Certamente. O Sarmento Rodrigues defendia uma federação, hoje temos os PALOPs mas não é federação, não é? Não, sabe, foi uma pena, o Sarmento e o Adriano Moreira foram os dois homens mais espantosos...

CC: E que explicação é que tem para o Adriano Moreira ter sido chamado e depois sair passados dois anos?

ALA: Ele começou a atacar os grandes interesses e a partir daí a coisa começou... Está a ver o que é destruir as concessionárias de algodão? Já viu? Sabe o que é que eram as concessionárias de algodão? Olhe, vou-lhe dar uma informação curiosíssima, uma das concessionárias de algodão de Moçambique, com quem eu tive muitos conflitos, vim a saber muito mais tarde, que eram os grandes financiadores da FRELIMO, e estão lá, como proprietários, hoje já não são concessionários. De facto, as concessionárias algodoeiras foram um dos pólos... em Angola começou com a Cotonang /**CC:** Então era o poder económico a dominar? / era o poder económico, era real, o poder económico era real e mandava mesmo, era impressionante como... depois conseguiu aqui mudar as leis, nós lá não tínhamos capacidade legislativa, tínhamos que obedecer às leis que vinham daqui, como disse, em Setembro de 63, quando leio o decreto do Silva Cunha, ia caindo para o lado, era o fim.

CC: O Professor desiluiu-se da política e voltou à actividade docente em 1963?

ALA: Fiquei, bom, eu nessa altura percebi que não havia solução, porque se aquilo aconteceu, não havia solução, não queriam solução e disse, é claro, disse sub-repticiamente, e às vezes não muito linearmente a uma dúzia de amigos e alguns acreditaram em mim, quer dizer, não há solução para o problema enquanto esta situação se mantiver, e depois a coisa começou a agravar-se, agravou-se, agravou-se e chegou ao limite que a gente sabe.

Bom, saí de Moçambique e vim para Lisboa, nessa altura dá-se uma circunstância, para mim benéfica, mas absolutamente inesperada. Eu era Professor de Agricultura Tropical e dada a orgânica do ensino, a Agricultura Tropical só era frequentada por voluntários, as outras eram obrigatórias, Agricultura Geral, era obrigatória, agricultura tropical, era só para voluntários, e portanto, nós não tínhamos força nenhuma na parte da instituição, eu costumo dizer que éramos excrescências, pelo menos dentro daquela casa, andávamos ali, porque era fino, era bonito, era aceitável, era politicamente correcto ter tropicais ou coloniais, como se chamava antigamente.

Em 64, quando eu regresso de Moçambique, eu regresso de Moçambique em Agosto, como sabe o ano escolar começa em Setembro, não, dia 1 de Outubro, chego em Agosto, peço um mês de licença, estou praticamente o mês de Setembro de licença e nos primeiros dias de Outubro, apresento-me em Agronomia novamente e então dá-se uma circunstância espantosa, o Professor de Agricultura Geral, que é uma das cadeiras chave no Instituto Superior de Agronomia, atinge o limite de idade e trava-se uma luta feroz pela sucessão, por quem o vai suceder, e com grande surpresa minha, um outro

Professor, em pleno conselho escolar, quando aquilo estava, não digo em grande efervescência, porque estava sob pressão mas sabia-se perfeitamente, por baixo havia uma luta feroz, repare, era mais um lugar de catedrático, quem é que tinha que ascender. E com grande surpresa minha, há um Professor que faz uma proposta que as pessoas ficaram: - “Eu sou o único Professor do Grupo, a minha escolha foi Ário Azevedo”. Eu nem queria acreditar. E também não foi possível o Conselho opor-se à solução dele porque foi absolutamente intransigente, o voto dele era fundamental. /CC: Como é que se chamava o Professor? / Marques de Almeida, Carlos Rebelo Marques de Almeida, já agora um pormenor engraçado, o Professor Marques de Almeida era meu Assistente quando eu era aluno e gostei imenso de trabalhar com ele, depois, quando era Professor de Tropicais, eu não gostava de trabalhar com ele porque ele estava muito metido em negócios mas, no fim da vida, mudou radicalmente e nessa altura passei a dar-me outra vez bem com ele, e gostei imenso de trabalhar com ele outra vez. Foi o Marques de Almeida que passou-me então para a cadeira de Agricultura e foi nessa altura que eu tentei fazer umas reviravoltas, logo no primeiro ano em que eu tive intervenção, aboli as lavouras, não há lavouras, foi uma loucura completa naquela casa, realizavam-se excursões para ir ver aquelas asneiras mas ficavam muito espantados porque aquilo dava. Cultivei milho, sem lavrar nem sachar, aquilo tinha o mesmo nível de produções dos outros, foi um espanto. Aquilo que eu dizia nas aulas era isso, era uma desgraça. Os alunos que tinham alguma experiência tradicional, chamavam-me louco varrido, uma loucura completa. Mais do que isso, passei a ter uns assistentes com quem trabalhei bastante bem, e eu, em 1970, imaginem, já tinha 6 anos de experiência atrás de mim, em 1970 vamos a um Congresso Luso-Espanhol para o Progresso da Ciência, e eu levo uma comunicação da Mobilização Nula, foi uma chacota, foi uma desgraça completa, os nomes que me chamaram, riam-se. Hoje, Espanha tem praticamente a Mobilização Nula em todo o território, mas nessa altura, em 1970, foi uma chacota completa, aquilo era completamente diferente dos actos que as pessoas tinham.

CC: O Professor pode explicar sinteticamente do que é que se trata?

ALA: Bom, vamos começar pelo alqueive. Mais tarde aprendi o que era o alqueive. Como aluno, aprendi uma receita que não era correcta. O alqueive vem descrito na Odisseia, imagine, há cerca de 3000 anos, já está descrito o alqueive como técnica cultural. Agora é preciso percebê-lo e a interpretação é que o alqueive preparava a terra para receber a semente, o que não é verdade. O que é verdade é que o alqueive é uma técnica perfeita, quando bem executado, de combate a infestantes, para evitar que as outras plantas prejudiquem a cultura principal. Como técnica de combate a infestantes, bem feito, executar um alqueive bem feito é muito difícil porque depende do tempo, tem que estar absolutamente relacionado com o estado do tempo e então, quando feito na altura própria é impecável, se não é feito na altura própria, não presta para nada. Mas depois ainda lhe atribuíam outras vantagens, que não tinham razão de ser.

Por outro lado, nós temos em Portugal um problema histórico complicado. Com muita frequência, tudo quanto vem lá de fora é melhor quanto temos cá dentro e portanto, fins do séc. XVIII princípio do séc. XIX o que interessava eram as ideias que vinham de França, nomeadamente em França, aliás, não sei se sabe que o Eça dizia que se traduzia tudo do francês em calão, o que em França era bom, transportávamos nós para cá. Apareceram umas ideias engraçadas em Inglaterra no fim do séc. XVII, séc. XVIII. São notáveis para a Inglaterra. E, já agora vou dizer uns palavrões, que é o *ley farming*, que é uma técnica cultural inglesa em que eles têm, 5 anos de prado e depois 5 anos de culturas, que é uma técnica impecável para as terras deles, chove no Verão, de modo que, eles no Verão têm as culturas a crescer absolutamente à vontade, que é uma técnica muito correcta que enriquece o solo em matéria orgânica, de modo que, quando acabam os 5 anos de prado, faz-se uma lavoura e a lavoura

liberta a matéria orgânica... liberta os nutrientes da matéria orgânica para os fornecer à cultura seguinte de cereais, daí a frase dos ingleses: *tillage is manure*, a lavoura é estrumeação. Bom, isso passou para França e depois de França veio para cá, não veio directamente de Inglaterra, fui capaz de apanhar os autores que fizeram essa passagem: foi um Senhor Du Mouceau, um francês, [Henri-Louis] Duhamel Du Mouceau, que os nossos autores leram. E então, vinha de França, vinha de Inglaterra, tinha aquela aura, então vamos copiá-los. Esquecemo-nos que nós não temos Verões com chuva e que o enriquecimento de matéria orgânica do solo não se compara com o de Inglaterra, resultado: a lavoura acelera muito mais a destruição de matéria orgânica do que a acumulação possível nas nossas condições. Resultado: as lavouras não são estrumeação, são a destruição da matéria orgânica entre nós. De maneira que isto feito sistematicamente conduz à pobreza e à incapacidade dos solos produzirem. Portanto, não se deve mexer na terra. Agora, por outro lado, há um problema: temos que combater os infestantes, temos que arranjar técnicas de combate aos infestantes. Há técnicas que têm um problema de época, escolher cuidadosamente as épocas em que se realizam as operações, as sementeiras e outras operações de modo a que as infestantes não estejam em desenvolvimento, ou então, usar os herbicidas, com os herbicidas pode perfeitamente, e há, não sei se sabe, há um problema engraçado, há herbicidas não poluentes que podem perfeitamente ser utilizados, mesmo na agricultura biológica, se bem que certa agricultura biológica não aceite isso, mas no entanto não está... há um ponto de charneira muito complicado. Esta é que é a técnica de mobilização mínima, mexer o mínimo na terra possível e imaginário, conseguir as condições para a cultura se poder instalar, um dos problemas chaves é a sementeira, saber fazer a sementeira, são um bocadinho mais complicadas porque a lavoura prepara a terra para a sementeira, para as máquinas da sementeira poderem trabalhar, sem a lavoura é muito mais complicado fazer a sementeira, mas hoje aparecem máquinas. A primeira que veio para Portugal, fui eu que a importei da Austrália, eu tinha estado na Austrália, conhecia a agricultura australiana e o resultado, a primeira que veio para Portugal fui eu que a importei da Austrália. Hoje há muito melhores, mas naquela altura, foi revolucionário, aquele semeador foi absolutamente revolucionário. De modo que é perfeitamente possível manter a terra. Mais ainda, a lavoura destrói a matéria orgânica.

Agora um aparte completamente diferente, depois interessei-me pela agricultura mediterrânica, abandonei a agricultura tropical. Em 1961, um investigador da Estação de Melhoramento de Plantas, publicou um trabalho espantoso, esse homem foi um homem que fez a maior revolução cá em Portugal na informação básica da agricultura, nunca foi ouvido, foi sempre posto à margem porque não era ortodoxo, ele punha em causa as técnicas tradicionais, demonstrando com análises, que eles nunca faziam, que a matéria orgânica era excelente para a lavoura, e pelo contrário, se não fizer lavouras a matéria orgânica tende a acumular-se, o trabalho dele nunca foi aceito ou utilizado, a única pessoa que pegou nele, fui eu, mais tarde, em 70, quando me dei conta, a partir de 64 comecei a ler, e para mim o José de Almeida Alves foi uma peça fabulosa e foi ele que me deu a base para eu utilizar aqui em Portugal, e fiz a demonstração. Um exemplo completo, a Campanha de Trigo, falam na estrumeação que fazem ao trigo para a Campanha do Trigo de 34, mas não falam na destruição da matéria orgânica pelos trabalhos culturais. Eu fiz a demonstração que o estrume que eles metiam na terra era $\frac{1}{4}$ da destruição da matéria orgânica pelas operações que faziam, fiz essa demonstração, está a ver, portanto, lentamente, $\frac{1}{4}$ de cada vez, esta a ver o que é que acontece, a produção baixa e desaparece. Ao contrário, se nós não fizermos mobilização nenhuma, a matéria orgânica tende a acumular-se. Nós temos aqui casos em Portugal de em seis anos ter triplicado a matéria orgânica em 60 centímetros. Entretanto, isto não foi só cá, fui pioneiro cá, mas em todo o mundo, as técnicas de mobilização mínima, hoje são uma realidade. A Espanha é espectacular, a Espanha tem uma área de mobilização

mínima muito maior que a nossa hoje, porque em Portugal ainda há uma grande resistência às técnicas de mobilização mínima. É claro que os homens das máquinas não queriam isto, nem por nada, é claro, hoje há as máquinas próprias para o sistema, há uma diferençazinha e portanto, já começam eles próprios a advogar as técnicas de mobilização mínima, porque já têm as máquinas próprias, mas durante uns anos, não havia, de modo que foi essa a grande... Apanhei os trabalhos do Almeida Alves, reinterpretei-os em face de uma teoria, coisa que o Almeida Alves não fez, o Almeida Alves foi um observador extraordinariamente atento e arguto e foi aos pontos essenciais, mas depois quem teorizou, fui eu. Eu e o Almeida Alves dávamo-nos muitíssimo bem, mas quem teorizou fui eu, mas eu não teria feito nada sem o Almeida Alves, eu não tinha bases ou suporte para poder generalizar aquilo que acabei agora de dizer. Hoje, em Portugal, já se aceita a mobilização nula, no Alentejo já há umas dezenas largas de... umas dezenas não, umas centenas de milhares de hectares em mobilização nula, as pessoas começam a aceitar e ainda há outra vantagem espantosa, um dos problemas graves... a gente faz uma lavoura, vem uma chuva, aquilo faz-se em lama, o terreno fica atolado, e depois a sacha como é que se faz? O tractor passa e calca a lama e, se calca a lama, mata as raízes, dificulta a vida das raízes que estão por baixo, ora, se não passar o tractor pelo campo, não há problema. Agora repare, eu tenho matéria orgânica ou tenho solos com matéria orgânica, tenho as raízes daquelas plantas todas, o tractor passa por cima e não calca tanto, é outra vantagem espantosa da mobilização mínima é a transitabilidade das máquinas no terreno, isso é hoje já perfeitamente reconhecido e aceito. De modo que hoje, a mobilização mínima, em suma, existe. Existe em Portugal, mesmo em Portugal, se bem que, ainda há uma data de ortodoxos, que não a aceitam, não é? Ou que a põem em causa.

CC: E enquanto Professor, também sentiu resistências da parte dos colegas e dos alunos?

ALA: Não, repare, eu teria partido de uma situação muito característica do *status quo* que vivíamos em 64, o professor catedrático era dono do seu sector, não podíamos ser do sector ao lado, isso já é outra história, mas no seu sector, era dono. Bom, quando eu comecei a fazer lavoura mínima, no meu sector, eu recomendava também a outros sectores, eles não aceitavam. Quando eu comecei a fazer, ninguém podia intervir no meu trabalho, logo que eu tive de 64 a 74 inteira liberdade, eu era um ditador, naquilo era eu que mandava, queria lá saber dos outros todos.

Há um pormenor engraçado, foi uma viragem muitíssimo curiosa. O Professor Henrique de Barros, foi meu Professor, gostei dele como Professor também, apesar de ser avesso às economias mas dei-me muito bem com o Professor Henrique de Barros. Quando eu começo estes ensaios o Professor Henrique de Barros que é Professor de Economia, um dia vem ter comigo: – “Ó Ário, ouvi dizer que você está a fazer uns ensaios, eu quero saber, eu quero ir ver isso”. “Está bem”. Ora, a Tapada da Ajuda tem cerca de 100 hectares e eu tinha à volta de 40 hectares cultivados, à minha disposição, não chegava a 40 mas era muito próximo, e um dia, marquei uma tarde inteira para irmos ver os campos todos, passeámos pelos campos, estive-lhe a mostrar e a uma altura o Professor Barros começou-me a fazer perguntas e eu tentava explicar e ele a certa altura diz-me:

– Ó Ário, não diga nada, isso são técnicas que você domina e que eu não domino, eu quero uma resposta muito mais sintética. Você tem dados das produções?

– Tenho sim Senhor.

– Como é que se comparam com as outras?

– Olhe, em geral são 10% menos que as outras.

– E os custos de produção?

– São 30% menos.

– Você ganhou, não diga mais nada.

Essa viragem espantosa do Henrique de Barros, «você ganhou, não me diga mais nada, não quero mais explicações, chega». Isto hoje é aceite por uma data de gente. Olhe, um exemplo engraçado, posso citá-lo, uma pessoa com quem eu lidei, gostei imenso de lidar com ele, foi meu aluno, meu aluno não foi, foi meu tirocinante, não foi meu aluno, fez uma carreira espantosa, numa fase da vida era o Director Regional do Algarve e depois foi Director Geral de Agricultura aqui no Ministério de Agricultura em Lisboa, posso dizer o nome – José Alberto Guerreiro Santos, quando da primeira vez lhe falei de Mobilização Nula, ele não aceitou, era um homem do Alentejo, hoje, as terras dele são todas de Mobilização Nula, não há mais, está totalmente convertido, mas claro, começou em 64, estamos em 2009, 45 anos, não é? Não foi nada mau, apesar de tudo.

CC: Gostava que me falasse agora um pouco da sua produção científica, quais as áreas de estudo a que mais se dedicou e que fizesse um balanço da sua produção científica.

ALA: Bom, eu comecei como aprendiz, por apresentar uma comunicação com o Botelho da Costa sobre análise de solos, um problema de análise da estrutura dos solos, depois, isso não foi avante por razões, olhe, as tais burocracias internas, os conflitos internos, dentro das próprias universidades, das próprias escolas da universidade. E, apresentei um trabalho, foi o meu primeiro trabalho, o meu primeiro trabalho foi este /**CC:** Sobre o clima. Este trabalho é já publicado pela Junta das Missões Geográficas e de Investigações Coloniais / é a edição disto /**CC:** Isso é uma tese, tese de licenciatura / É, isto é uma tese de licenciatura. /**CC:** Bom, é impressionante, não é? As teses de licenciatura eram quase teses de doutoramento. / Eram sim Senhora, há teses de licenciatura melhores que as actuais teses de doutoramento.

CC: E se não se fizesse a tese de licenciatura, não se tinha o grau de engenheiro, não é?

ALA: Não, não Senhora, era assim um bocadinho mais exigente. Esse foi o meu primeiro trabalho publicado sozinho. Depois, comecei por trabalhar em solos com o Botelho da Costa. Isto foi um incidente de percurso, porque a cadeira chamava-se Física Agrícola, estudava os solos e o clima, de modo que eu tinha que dar aulas, simultaneamente, de solos e de clima, o que me foi muito útil, o facto de “desde pequenino” trabalhar em solos e clima foi muitíssimo bom, tanto que olhe, ajudou-me a perceber o problema da diferença dos trópicos e do mediterrâneo ou a diferença do mediterrâneo e o Norte da Europa, que aliás, há uma coisa engraçada, as *Cartas elementares*, do Barros Gomes dizem isso. Não sei se sabe, as *Cartas elementares* do Barros Gomes eram para as escolas primárias, mas isso hoje não se ensina nas nossas escolas, é espantoso, o esforço pedagógico dessa época era inacreditável. Nunca viu as *Cartas*, do Barros Gomes? /**CC:** Eu acho que me mostrou. / São espantosas e tem mais de um século, uma coisa espantosa. De modo que isto foi muito útil, quer dizer, comecei a trabalhar.

Depois fui para Moçambique, continuei a trabalhar em solos, a maior parte da minha publicação era sobre solos, depois fui para Angola, em Angola, continuei nos solos, aí apareceram já umas variantes, voltaram a aparecer umas coisas de climatologia de Angola. Uma das coisas que me interessou, em que gostei imenso de trabalhar e que me foi muito útil, é o clima aplicado às mais diversas situações, nomeadamente, por exemplo, ao conforto humano, não sou médico nem biólogo humano, mas sei o suficiente de fisiologia para perceber certas coisas, uma das coisas que eu faço é avaliar o conforto humano em estudos de climatologia. Publiquei em Moçambique e publiquei em Angola e a maioria das pessoas, ignoram por completo esta coisa do conforto humano dependendo do clima. O Clima e o Homem, é o I Capítulo.

CC: Já agora, que observação e que tipo de trabalho era feito para estudar esta relação entre o clima e o Homem?

ALA: A parte do Clima e o Homem, eu tirei, principalmente, de informação bibliográfica, foi através da leitura de dezenas de trabalhos publicados pelo mundo fora, do relacionamento e das forças climáticas ou de ambiente, uma das coisas que tenho num trabalho americano é sobre a casa, o problema do ambiente em casa e as repercussões que tem sobre o Homem. Aí, foi fundamentalmente utilizada informação pré-existente, eu aí não fiz qualquer investigação, fiz aplicação do conceito. No campo da climatologia, não. No campo da climatologia já fiz outras coisas mais engraçadas e, tenho um trabalho muito curioso. É um trabalho sobre a chuva de excepcional intensidade em Portugal. Isso interessou-me por causa das chuvas de 67, eu já tinha trabalhado em Moçambique nisto, lá temos as tempestades tropicais e isso para mim interessou-me, mas as de 67 aqui marcaram-me, e eu vou estudar as chuvas de 67 e depois estudei outras e publiquei um trabalho. Há agora no último número desta Revista um artigo em que fazem um estudo muito mais aprofundado que o meu, eu sou o primeiro a atacar o problema desta maneira. /**CC:** É citado nesse artigo? / sou citado, o mais antigo, o primeiro trabalho sobre este assunto, desta maneira, fui eu que o fiz cá em Portugal, há uma data de anos atrás. Pronto, fiz umas coisas de climatologia, sempre laterais, colaterais da minha situação, as minhas preocupações foram sempre as técnicas culturais. Primeiro foram os solos, publiquei muitas coisas sobre os solos. A viragem dá-se na minha tese de concurso, por isso é que eu disse que no meu concurso tinha que fazer tudo: tinha que apresentar a tese, tinha que fazer a discussão da tese, as lições, e mais... foram semanas, uma coisa louca. Só fui dispensado das aulas práticas, acharam que eu tinha prática suficiente, de maneira que das aulas práticas, fui dispensado. Mas a minha tese de concurso é exactamente, os solos e a agricultura, é a passagem, tenho uma parte estritamente de solos e tenho uma parte de passagem já de solos para agricultura, de modo que, lentamente, fui abandonando os solos, em todo o caso, por exemplo, nas próprias cartas de solos mais recentes, ainda há colaboração minha nalgumas. Uma porque era a colaboração original que eu fiz no campo, noutros casos já não fiz essa colaboração, mas fazia parte da revisão do texto e na preparação do texto e certos capítulos eram redigidos por mim, tanto que isto ainda se vê, nas cartas de solos de Angola lá a referência à minha cooperação e, grande parte das vezes, o capítulo de climatologia era meu.

Fiz a passagem de solos, climatologia como coisa auxiliar e depois comecei a fazer, lentamente, a passagem para as técnicas culturais e, obviamente, praticamente só tenho trabalhado em técnicas culturais, continuo, no entanto, com um problema, um tipo de preocupação que me leva a publicar muita coisa, que é uma tentativa de [divisão de síntese], das duas coisas: solos e clima. Isto é relativamente recente, qual a data disto? 97. E depois disto, já fiz outro trabalho sobre a mesma coisa.

CC: E qual o impacto, nacional e internacional, da sua produção científica? Começando pelos trabalhos dos solos...

ALA: Nos solos... Olhe, esse trabalho que está aí sobre o Botelho da Costa refere essa situação. O primeiro grande impacto foi em 50 e poucos, não, 40 e muitos, um trabalho sobre as terras negras de Angola, eu e o Botelho da Costa tínhamos trabalhado em Angola nas terras negras, do Quanza e do Sul, ao pé do Cunene, ao pé do Cunene também há terras negras, e fizemos um trabalho sobre as terras negras, que levámos a um Congresso, a um Congresso no Congo Belga e o Director do Serviço Pedológico Africano, tem esta frase que eu citei aí nesse trabalho, que as propostas que nós fazíamos de separação dos 10 tipos de terras negras, eram as mais adequadas para África, bom, isso foi o meu primeiro motivo de sorriso, foi exactamente, um Senhor daquele nível, fazer essa afirmação. Aquilo que nós propúnhamos, o Botelho da Costa e... ah, não, o Botelho da Costa fez uma partida, era Ário

Azevedo e Botelho da Costa, não é Botelho da Costa e Ário Azevedo. Já agora um problema engraçado. Não sei se sabe que os americanos, com muita frequência, quando aparecem muitos autores, muitas vezes o *senior author* vem no fim, que é o conselheiro, o homem que sugere e depois confere e analisa finalmente. O Botelho da Costa inverteu, Ário Azevedo e Botelho da Costa, nesse trabalho das terras negras. Foi o primeiro trabalho, de um certo nível, digamos, internacional em que eu estava. Por outro lado, agora o aspecto inverso, a comunicação em Múrcia foi uma risota, ninguém aceitou, aquilo foi... ninguém cita, o que é mais engraçado é que nunca vi um único espanhol citar esse trabalho, bem sei que ele não foi publicado, esses congressos luso-espanhóis não tinham actas próprias, depois a gente publicava nos países de origem dizendo que foi a comunicação apresentada, de modo que, aceita-se perfeitamente essa situação.

CC: Quer falar-nos do Professor Botelho da Costa, da recusa dos pedologistas americanos em aceitarem a classificação de solos proposta pelo Professor Botelho da Costa.

ALA: Mais uma vez a minha posição ambivalente em relação aos Estados Unidos. Os Estados Unidos são capazes de acolher um estrangeiro da melhor maneira, mas também são xenófobos e, em termos técnicos, são absolutamente xenófobos, ou é americano ou não presta. Excepcionalmente, eles aceitam uma pessoa de fora, mas não... a não ser que ele se subordine à doutrina americana. O Botelho da Costa não se subordinou à doutrina americana, porque eles... por exemplo, os americanos tinham muito pouca experiência de zonas tropicais, na América do Norte não há zonas tropicais, a Florida não chega a ser tropical. Eles trabalharam no Brasil, mas é engraçado, trabalharam no Brasil para as companhias de borracha, dos pneus, é engraçado, os grandes pedologistas americanos que foram para o Brasil eram pagos pela Firestone, não sei se é a Firestone, aquelas grandes companhias de pneus, por causa da borracha. Portanto, o resto não é com eles. Portanto, inventaram um sistema próprio e é "O sistema", pronto, acabou, eles inventaram aquilo, é o sistema deles, ignoram por completo... há um outro trabalho que eu cito ali no trabalho sobre o Botelho da Costa em que um autor americano começa com a seguinte frase: vou fazer a revisão do conceito das terras negras, utilizando apenas textos publicados em língua inglesa. Ora o trabalho fundamental do Botelho da Costa está escrito em francês, o truque, ele só utiliza a língua inglesa, tem que ignorar o Botelho da Costa, ignora por completo o Botelho da Costa, está a ver as habilidades que se seguem. Várias situações dessas, sem significado. O Botelho da Costa foi muito mal compreendido pelos americanos. Houve americanos que o aceitaram, mas, eu costumo dizer, os do *establishment* não aceitaram. Este *establishment* é horrível, tem tentáculos por todo o mundo. Concretamente, vou-lhe dar um exemplo: quando eu ainda era Assistente do Botelho da Costa, o Brasil pediu aos americanos que desafiassem o Botelho da Costa, ou um dos seus discípulos, para ir estudar os solos do Brasil, pelos vistos eles conheciam os primeiros trabalhos do Botelho da Costa e a resposta do Ministério dos Estrangeiros de Portugal, é que o Botelho da Costa não estava disponível e que eu tinha desaparecido, eu tinha ido para África, não é? Portanto, recomendaram um da escola americana. Porque essa escola americana está totalmente infiltrada... bom, quem manda na FAO são os americanos e isso, ou é americano e aceitam, ou não é americano e é posto à margem. De modo que, o Botelho da Costa foi sistematicamente excluído, repare, dava-se muito bem com os franceses, dava-se muito bem com os espanhóis. O livro *Apontamentos de Agrologia*, do Botelho da Costa, foi adoptado na Universidade de Madrid na cadeira de Solos, foi adoptado, era aquele livro. Em Espanha também teve aceitação, o Botelho da Costa, teve aceitação em Itália porque o livro dele, *A água no solo*, foi traduzido em italiano, agora em inglês americano, não, é sistematicamente apagado. No entanto, há uma citação engraçada, há um autor americano que diz, o Botelho da Costa define muito bem este conceito mas corresponde ao nosso não

sei quantos, repare a maneira como a coisa é posta. Isto tem sido um inferno, ou seguem as doutrinas deles, ou então, não existem.

A carta de solos de Moçambique está dada como existindo, porque houve um italiano que fez a transposição da nomenclatura portuguesa para a da FAO (americana, portanto). Depois da independência de Moçambique, foi trabalhar para Moçambique, pago pelo Governo italiano – não sei se sabe que houve muitos italianos em Moçambique depois da independência – e ele fez a transposição, aliás, perfeitamente correcto, quer dizer, a nossa classificação não é generalizada, é mais fácil fazer a transposição e dizer: este é correspondente àquele e este é correspondente àquele. Hoje, o italiano é citado, mas eu e o Gouveia não somos.

CC: Mas o italiano reconhece...

ALA: Eu nunca consegui ler o trabalho original, só conheço por citações dos americanos. Ora, eu sei que o italiano não fez nenhuma carta de solos de Moçambique, isso sei, ele não esteve lá tempo suficiente para fazer aquela carta de solos. /**CC:** Usou o vosso trabalho. / Usou o trabalho do Gouveia, meu e de outros. Mas é aquela tutela que eles querem impor em todos os domínios, em todo o mundo.

CC: Pode falar-nos agora de como é que vê o papel do cientista na sociedade.

ALA: Há as situações mais anómalas que se possam imaginar. Com muita frequência, somos considerados loucos, porque com muita frequência avançamos com ideias que são prematuramente apresentadas em relação ao entendimento geral da situação, isso é com muita frequência, mesmo aqui em Portugal, estou a falar, aqui em Portugal. E às vezes, são capazes de ter razão, há uns cientistas loucos, mas isso é outra história. Mas a primeira reacção, em geral, é esta. É muito difícil, porque depois há os interesses estabelecidos, há as pessoas que não querem estudar e portanto, aquilo que aprenderam, aquilo é válido para toda a vida, é a regra, e portanto, uma coisa nova é uma coisa muito aborrecida porque ele tem que mudar de conceitos. Por outro lado, nunca tivemos entre nós o peso da actividade científica muitíssimo grande, repare, nós temos uma excepção, que é o Egas Moniz, com o prémio Nobel da Medicina, mas nunca mais ninguém foi distinguido em termos de investigação, é tudo muito... não sei porquê, ou possivelmente porque não vamos para os assuntos de moda, não é? Às vezes também há muito disso. Em Portugal, não é muito bem aceite a situação dos cientistas, só muito mais tarde, e com atrasos que, às vezes, são até desastrosos, porque podiam ter tido consequências proveitosas para o país se tivessem sido aplicadas as ideias dessas pessoas e não são.

CC: E o Professor, vê-se a si próprio como cientista, como um professor?

ALA: Bom, eu como cientista tenho uma grande dificuldade. Não fui um grande inovador, era um Professor muito cuidadoso, descobri umas coisas novas, uns tipos de solos, [inaudível] que não tem importância nenhuma no Universo, é um observador que descreve. Mas sou principalmente um utilizador de informação e procuro dar sempre um aspecto prático à minha informação, utilidade à minha informação, seja ela qual for, ou pode ser, inclusivamente, formativa. Tenho imensa pena, tenho imensa dificuldade em lidar, por exemplo, com os agricultores, porque não sou capaz de usar a linguagem deles, de modo que, isso é um problema infernal de transmissão de conhecimento, eles não lêem aquilo que eu escrevo, e eu não falo a língua que eles falam, bom, é um problema meu. No entanto, tenho umas situações engraçadas, vou-lhe contar uma história engraçada que se passou comigo. Felizmente para mim, tive um Assistente em Évora (ele hoje é Professor Catedrático já), que me sucedeu na cadeira, que tem uma capacidade espantosa de lidar com os agricultores e portanto, aquilo que eu decidia, acabou por ser transmitido por ele, não foi por mim, e ele, tem uma aceitação

muitíssimo grande no Alentejo. Há um anos atrás, eu era Professor, estava em Évora e dava aulas e um dia, estava no meu gabinete, não estava na reitoria, estava no gabinete das aulas, que era em edifício separado, e diz-me um funcionário: “Está ali um senhor que vem de ao pé de Serpa que quer falar consigo”, “ah, um problema de lavouras e tal”. Achei piada, um senhor que queria falar comigo de lavouras e entra-me um senhor, vestido à agricultor, com um fato daqueles de ganga, mas aquilo era um fato finíssimo, uma camisa com um botão de ouro cá em cima, a apertar o colarinho, sem gravata, aquelas camisas que os alentejanos usam, portanto, não era assim um agricultor qualquer e começa-me a contar. Ele era de Brinches, ao pé de Moura, entre Serpa e Moura, ali perto. E começou por me dizer: “eu sou agricultor em tal parte, tenho umas terras, por aí fora e como sou um homem da margem esquerda do Guadiana, vou muito a Espanha, e quando vejo as coisas em Espanha, cada vez vejo menos lavouras, eles não fazem lavouras. Não há meio de perceber isso, continuamos a fazer lavouras, mas eu vou a Espanha e cada vez vejo menos. E, quando venho de Espanha, vou à Direcção Regional de Agricultura de Beja e digo-lhes: «- os Espanhóis não...» «- São loucos!» Mas há dias, fui outra vez à Direcção Regional de Agricultura (cá está, o tal *establishment*, o conhecimento adquirido é que vale e depois não vale a pena adquirir um novo conhecimento): «- São loucos!» Mas agora, sabe uma coisa, eu agora tenho cá um filho, que é seu aluno e ele diz-me que o Senhor não faz lavouras também, então quem são os loucos?” Bom, lá tive uma longa conversa com o senhor, o homem era muito simpático, e disse-lhe: “Olhe, eu vou chamar o meu assistente, que eu não posso, não tenho tempo para essa brincadeira, mas vou chamar o meu assistente, e ele vai fazer na sua exploração agrícola uns ensaios para demonstrar a situação”. E foi, o meu assistente foi e fez. No ano seguinte, no ano agrícola seguinte, ele convida-me para ir à herdade dele, e eu fui à herdade, bom, e agora o comportamento dele, foi espantoso. Ele tinha dois carros, tinha um carro, dois jipes, um land rover, daqueles de luxo e um jipe vulgar, eu e ele, íamos no land rover, o meu assistente e o filho, iam no vulgar. Começamos a ver a exploração e de repente, passamos lá num campo onde tinha uma seara de trigo que era uma desgraça, eu fiquei apavorado, é esta a seara em que eles fizeram os ensaios, ele percebeu, “esteja sossegado, isto foi a enxurrada”, e fomos ver a seara, e a seara estava boa e o homem estava radiante, estava radiante com aquele efeito todo e disse: “sabe, eu quando o seu assistente cá veio, eu nem queria acreditar, então, um tipo daqueles, está 3 horas a regular uma máquina? Mas depois, isto dá resultado”, e estava radiante com os resultados obtidos com a situação. E já estava a combinar com o meu assistente as novas coisas que iam fazer, iam fazer modificações, claro que isto implica depois novas máquinas, novos métodos, novos calendários de trabalho. Sim senhor, à vontade, numa altura passámos, saímos, eu sempre no land rover e o filho e o meu assistente no jipe vulgar, e passámos por um olival, eu vi o olival lavrado e queixei-me, “oiça lá, porque é que o senhor lava o olival?”, “Ah, porque é assim, lava-se o olival”. “Você deixe sem lavar no inverno”. E ele, olha assim para mim, e diz: “Sabe uma coisa? Os senhores já me disseram tantas coisas que eram o contrário do que eu pensava, vou experimentar”. Foi o meu único contacto com agricultores, foi este. Tenho pena de uma situação anómala que se registou depois, o filho formou-se, o pai, quando o filho se formou, entregou-lhe as herdades e o filho fez um negócio, arrendou-as a todas e vive simplesmente dos rendimentos. De maneira que, todo o trabalho feito, desapareceu porque os rendeiros já não foram nisso.

Já agora, uma coisa completamente diferente. Eu já estou reformado desde 91, há quase 20 anos, não é? Continuo a lidar com determinadas entidades e há uns tempos atrás, a Liga Nacional de Protecção da Natureza convidou-me para eu intervir no projecto de Castro Verde, vai de Castro Verde a Mértola, na zona dos xistos, dos xistos brancos do Alentejo, é um projecto em que, isso envolvia uma série de agricultores, a ver se arranjavamos técnicas que pudessem proteger as abetardas, ser benéficas para

o terreno e que aumentassem o rendimento do agricultor. Envolvi-me nesse projecto, a ideia não foi minha, a minha ideia foi só a concepção das técnicas a ser seguidas, é a minha única intervenção, apareceram depois umas coisas subsidiárias, curiosíssimas, uma delas foi esta: a Liga de Protecção da Natureza, não tem pessoal, ou tem muito pouco pessoal. Compra as máquinas e depois recruta o pessoal local. Então, a regra é esta: dentro das herdades da Liga, o pessoal fazia como a gente mandava, se eles quisessem ir fazer lá fora, emprestavamos-lhes as máquinas para eles irem fazer, não éramos nós, eram eles. De modo que isto, lentamente, começou a crescer, a crescer, a crescer.

Por outro lado, fizeram outra coisa, também muito engraçada, os alunos da instrução primária, dos dois últimos anos da instrução primária, todos os Sábados tinham uma sessão para eles mostrarem o que se fazia, e faziam experiências de laboratório engraçadas, uma dela, por exemplo, é ver o problema da erosão, com um tabuleiro, com um certo comprimento, depois ia-se mudando o declive, regava-se e depois viam-se uns sulcos, os alunos ficavam radiantes com esta história, isto teve um resultado espectacular, ao fim de uns anos, nós tínhamos cerca de 50.000 hectares, as pessoas envolvidas nisto. Ao mesmo tempo que o projecto é engraçado, era a protecção da abetarda, de modo que, teve um problema curiosíssimo, é que eu tive que escolher as técnicas culturais, de acordo com a vida da abetarda, a postura, o nascimento das crias, senão não... quem financiava isto é o projecto internacional da abetarda. Foi das últimas intervenções que tive aqui em Portugal.

CC: E regressando a África, em África como é que era a relação entre o Professor Ário e as populações locais e os agricultores?

ALA: Repare, eu andava sempre no mato, andava sempre em trabalho de campo, excepto na fase final em que já estava na parte técnica, eu andava sempre no campo. Olhe, uma das coisas que fizemos, essa deu resultado, não citei, foi o Botelho da Costa e eu, aí a minha intervenção foi um bocadinho mais importante, o Botelho da Costa foi peça 1, eu, aí sou um e meio, ainda é o Botelho da Costa à frente. A companhia agrícola da Cassequel, ao pé do Lobito, estava desesperada porque tinha metade da sua herdade com os solos salgados e não sabia o que é que havia de fazer àquilo e, não sei como, nem porquê, bateram à porta do Botelho da Costa. E o Botelho da Costa aceitou fazer a cartografia dos solos da Cassequel, e fizemos a cartografia de solos e eu, nessa altura fui lá ver, mas não fui eu que fiz, foi uma equipa, entre eles, o Amílcar Cabral, que trabalhou comigo muitos anos e fez-se a carta de solos da Cassequel e depois havia o problema do salgamento e aí o Botelho da Costa fez toda a parte técnica, foi ele, e laboratorial foi toda orientada por ele, mas quando chegamos à parte das recomendações para o dessalgamento, vem dizer, “agora é consigo, Ário. Você é que é o homem das técnicas, você é que é o homem das práticas, agora é consigo”. Lá magiquei um determinado processo e o Botelho da Costa, deixe acrescentar, ajudado pelo Botelho, mas a responsabilidade era exactamente minha e apresentamos o relatório, eles leram o relatório, ficaram muito surpreendidos com as sugestões que a gente apresentava, com as soluções e pediram uma entrevista com o Botelho da Costa e comigo para ver se iam pôr em execução aquela coisa toda. Bom, fizeram uma série de perguntas, a gente lá respondeu, em geral, foi o Botelho da Costa que respondeu, os homens, tinham técnicos deles a fazer as perguntas, até que, no fim, já a coisa estava quase no fim, dei conta que estava quase no fim, nessa altura, há um que se vira para o Botelho da Costa e pergunta: “e quantos anos é que a gente demora para reparar isso?” E ele diz, «bom, a resposta é do Ário”. Fiquei apavorado com a história, bem tentei fugir à questão mas, o Botelho da Costa, desse ponto de vista, era absolutamente intransigente, é que nós temos que assumir responsabilidades, e eu disse: “olhe, pelas minhas contas, pela minha experiência, pelo conhecimento que tenho... (A minha experiência não, porque foi o primeiro trabalho que fiz sobre salgados.) Pelo conhecimento que tenho, isto é capaz de demorar 4 a

5 anos, na melhor das hipóteses, nos sítios mais favoráveis, 3 mas, menos que isso, julgo que não”. E, houve um tipo que desatou a fazer umas contas e de repente diz assim, “se dá 4 anos, eu faço”. Qual é a surpresa, quando 1 ano e tal depois... a ver se encontro isso... Está aqui, por acaso, desta vez apareceu. Leia a carta.

CC: “Exmo. Senhor,

Tendo algumas áreas do terreno da Cassequel, que é salgado, produzido cana-de-açúcar para corte na passada campanha, foi lavrado pelos nossos serviços um álbum de fotografias e notas explicativas de todas as fases sucessivas por que passaram aquelas áreas, desde o início dos trabalhos de dessalgamento até ao corte e carregamento da primeira cana ali produzida. Por julgarmos ter aquela coleção de fotografias o maior interesse quer como elucidação técnica, quer como demonstrativo e comemorativo dos primeiros resultados práticos da obra a que esta sociedade se lançou, e por ter sido V. Exa. o chefe da equipa de agrónomos que elaborou a nossa carta de solos e planeamento da conquista de salgados, temos o prazer de lhe enviar um dos referidos álbuns que com muito prazer, tomamos a liberdade de lhe oferecer”.

Dirigida ao Professor Joaquim Vieira Botelho da Costa.

ALA: Isto era o que era, está a ver o que era? / **CC:** estes terrenos estavam todos salgados? / Não crescia nada, e agora crescia regularmente, não é? / **CC:** Em 69. Passado um ano, tinham obtido resultados. Quando o Professor previa que demorava, na melhor das hipóteses, três anos. Bom, ficaram com uma fama ótima. / A partir daí, bom, digo-vos o seguinte, fizemos mais quatro trabalhos destes em Angola por recomendações deles. Para todas as empresas, todas as empresas que tinham este problema, vinham bater à nossa porta.

CC: Já agora que estamos a ver este álbum de fotografias, pode dizer-nos a importância da fotografia no trabalho de reconhecimento de solos?

ALA: Bom, não há trabalho nenhum de solos que não tenha fotografias dos perfis, para começar. Portanto, essa é uma das peças / **CC:** faz parte da metodologia? / faz parte da metodologia porque, não basta descrever, está a ver: erosão olhe, fracturas, está a ver? Tudo é fundamental, claro que eu posso descrever, mas... olhe, os tais perfis, está a ver? Quem sabe ler estas fotografias, percebe o que é que se passa, é claro, é preciso saber ler as fotografias, não é? Mas como vê, está aqui, um exemplo. Outro caso engraçado, um caso de um acidente nas empresas de café (O açúcar... Como viu, ao fim de ano e meio a coisa tinha dado resultados, estavam radiantes com isto, depois vim a saber, recomendavam-nos a toda a gente, quando sabiam que havia um problema destes, era à nossa porta que vinham bater e nós, em Angola, fizemos 4, só por causa disto, mais 4, mais 4 além desta.) Há um outro caso, também engraçado de técnicas culturais. Eu estava a trabalhar, estava em Angola, por mero acidente, estava aqui Professor já, mas estava em Angola, por mero acidente. Eu trabalhava muito com a Estação de Melhoramento de Plantas da Chianga, ao pé de Nova Lisboa, assisti à sua nascença, ela nasceu um bocadinho antes de 46, eu fui em 46 para Angola, portanto, ela tinha uns meses e foi a nossa sede, minha e do Botelho da Costa, enquanto estivemos no Huambo, e depois, passei a frequentar sistematicamente o Huambo e as pessoas que lá trabalhavam. Acontece que ganhámos confiança uns nos outros, é engraçado, aprendi imenso com eles, há uma história que se passou comigo que é curiosíssima, eu andava lá a trabalhar, a fazer a carta de solos, os homens tinham-me um certo respeito, apesar de eu ser mais novo, porque eu sabia mais de solos do que eles, no resto eram eles os especialistas, mas eu andava pelo campo, a fazer a carta de solos e um dia falo com o Director, estávamos a almoçar e digo-lhe: - “Oiça lá, eu vim daquele campo assim e por aí fora e aquilo está

cheio de infestantes, porque é que não manda sachar?” Nessa altura ainda não falava em mobilização mínima. “A terceira sacha não paga, não vale a pena”. Foi uma lição espantosa, uma operação só se faz se se paga, se não se paga, não vale a pena fazê-la. Aprendi isso com ele, a terceira sacha não paga, portanto não se faz. Mas, estávamos a trabalhar em Angola e eu estava na Chianga e havia na Ganda a Estação do Café e eu fui lá ver a Estação de Café e levantou-se um problema, que nessa altura preocupava todas as gentes de Angola, a chamada morte súbita do café e, fui lá, falei com os empresários e arranjámos uma equipa, também o Amílcar Cabral fez parte dessa equipa, e tenho que dizer uma coisa espantosa, que o Amílcar Cabral era um observador de campo fabuloso, de entre as outras coisas todas, como observador de campo era espectacular, e fomos ver, eles fizeram um estudo e foi-se discutir com eles e isso foi uma bomba e porquê? Eles tinham transposto para Angola as técnicas mais tradicionais aqui da metrópole, de modo que, para plantar café, abriam uma cova, deixavam estar uma estação, como eles diziam, a meteorizar, e depois faziam a plantação de café, já vinha de viveiro, naquela cova feita, e havia uma devastação espantosa. Havia uma série de cafeeiros que chegavam 2, 3 anos depois, morriam, não, 3 anos, 4 anos, morriam de repente, morte súbita. Nós fomos ver, eu vi, não sei se fui eu o primeiro, não, não devo ter sido. Uma coisa espantosa, os solos tropicais têm umas características muito especiais, uma delas é que estão altamente meteorizados, é difícil meteorizar mais que aquilo que está, aquilo está mesmo nas últimas, em termos de destruição da rede cristalina dos minerais. Por outro lado, o ferro migra, faziam a cova, e vinham as chuvas, a água vinha dos lados, levava o ferro e o ferro vidrava as paredes da cova, de modo que, metiam lá o cafeiro e ao fim de uns meses as raízes não tinha por onde sair, estavam fechadas dentro de um vaso, de modo que, mas isso era a tradição, a tradição era fazer a cova, uma estação antes para fazer a plantação, para meteorizar, como eles diziam. A gente só recomendou uma coisa muito simples, não plantem, não façam nem mais uma cova, foi outra bomba, está a imaginar o que é termos uma plantação, tínhamos milhares de hectares de cafeeiros, que era a prática corrente na região, dizer-lhes, não façam exactamente aquilo que vocês fazem. E fizemos outras recomendações, a única recomendação que eles seguiram, foi de facto, não fazer covas, aliás, uma das minhas preocupações, quando comecei a dar agricultura mediterrânica, foi exactamente perceber, historicamente, como é que a agricultura evoluiu, isto aqui é a história da agricultura, de modo que, como é que a agricultura evoluiu, e tentar perceber porque é que se faziam aquelas operações, nomeadamente, as covas, mas depois cheguei à conclusão que as covas, de facto, em certas circunstâncias justificam-se. Agora, não têm que fazer aquelas brutalidades para lá pôr a vinha, mas há muitos solos em que não é preciso. Porque, não sei se se sabe, a primeira maneira de plantar trigo, era espetar um pau no chão, meter um grão de trigo e tapar com o dedo do pé, isto é do processo histórico da produção de trigo, portanto, basta simplesmente fazer um burquinho para meter lá a semente, depois tapar e acabou.

E então, nós promovemos exactamente essa técnica no cafeeiro, bom, fizemos outras recomendações, nomeadamente em provas de adubos, o problema dos trópicos, também tem problemas complicadíssimos com os adubos porque o ferro e o alumínio criam problemas infernais, a maior parte dos adubos, a gente tem que saber lidar com isso, arranjar processos de contrariar o efeito nocivo do ferro e do alumínio. Bom, os homens de Amboim aceitaram perfeitamente os nossos conceitos, na parte das covas e é muito mais barato, fazer um burquinho... eu aprendi, dei-lhes uma sugestão, os africanos, fazem a plantação com um corno de vaca, metem um corno de vaca, fica um conezinho, metem lá a plântula, tapam e acabou. Plantação a corno e deu resultado. Infelizmente, não utilizaram as recomendações que nós fizemos quanto aos adubos, mas mesmo assim, a primeira técnica de não fazer covas, deu resultado, também teve aceitação depois dessa técnica.

CC: Então os agricultores em Angola começaram a solicitar o vosso aconselhamento técnico-científico?

ALA: Nalguns casos, muito poucos. Quer dizer, os açucareiros passaram a solicitar todos. Não houve praticamente nenhuma açucareira de Angola onde a gente não tivesse intervindo. Do café, foi alguma coisa também, mas não foi tudo, foi bastante ... Por outro lado, não há dúvidas nenhuma que a planta, e agora há um problema grande de controvérsias, do ponto de vista técnico, uma planta cafeeira que tem o espaço confinado para o crescimento de raízes, rapidamente está sujeita a doenças, de modo que descobriram-se uma data de doenças, a morte súbita, era a doença esta, era a doença aquela, era a doença aqueloutro e essa controvérsia continua, porque os homens dos fungos não abdicam, e é verdade que os fungos estão lá, começou lá, é verdade, começou lá.

Olhe, uma técnica parecida, isto agora foi por recomendação minha cá, há uns anos atrás, fui desafiado por um regente da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro a ir ao pé de Macedo de Cavaleiros porque eles queriam fazer lá uma experiência com castanheiros e pediram-me para eu ir lá com ele e fui. O problema era complicado, queriam fazer uns ensaios e tínhamos que ter entendimento com muitos agricultores, porque a herdade está pulverizada naquela zona e para as replicações que nós precisávamos, tínhamos que ter uma área satisfatória. Lá explicámos às pessoas os nossos ensaios, e havia portanto, uns campos em que eu recomendava que nos soutos que não se fizesse qualquer trabalho de mobilização do terreno. Fizemos os ensaios, não fui eu que fiz o plano total, mas a sugestão foi minha, as sugestões foram minhas e foram aplicadas. Dois anos depois fui lá e deu-se uma cena engraçadíssima, os outros técnicos que lá estavam a acompanhar, estavam danados, porque os agricultores não queriam fazer as técnicas culturais usuais, não valia a pena porque nós queríamos usá-las para replicação, para fazer comparação, “não, o outro é melhor”, já não queriam saber do ensaio, para eles, o ensaio não lhes interessava já nada e, de facto, é a mesma coisa. Isso aí, a explicação é muito simples, neste caso, qualquer instrumento, aratório que trabalhe no solo, aratório ou de mobilização de solos, corta as raízes e se corta as raízes, permite a entrada de doenças, portanto, trabalhar os soutos com máquinas que mexam no solo, é garantido que há a chamada tinta de castanheiro. Se eu eliminar por completo os trabalhos de mobilização de solos, a tinta de castanheiro acaba por desaparecer. Isto já se começa a aceitar.

Mas tem outro caso aqui de contacto com agricultores, muitíssimo curioso. Não fui eu que contactei com os agricultores, eu fui lá e já havia acordo com os agricultores todos da região em fazer um ensaio, agora o que acho piada é que 2 anos depois já não queriam repetir as técnicas tradicionais, naquele ensaio, pelo menos naquele ensaio.

CC: O Professor há pouco falou de Amílcar Cabral, pode contar-nos em que circunstâncias o conheceu, e fazer-nos uma descrição, quem era Amílcar Cabral nesta vertente da agronomia tropical?

(ALA dá um livro a CC) *A propósito da dimensão humana de Amílcar Cabral*. Portanto, conviveram de perto?

ALA: Bom, eu era assistente de Física Agrícola quando ele era aluno, a cadeira é do 1.º ano, ele tinha entrado em Agronomia. E, dei-me muito bem com ele, porque ele era um homem inteligente, era um homem aplicado, era um homem interessado. De modo que nas aulas, o cábula a gente tem que o aturar, mas a gente gosta de lidar é com os outros, e o Amílcar era um deles, de modo que me dei muito bem com o Amílcar nessa situação. Gostei imenso de trabalhar com ele como aluno, depois acompanhei a carreira dele, depois eu fui para África.

Quando voltei para Agronomia, não, foi antes, vim cá a Portugal duas vezes em férias e as minhas férias, passava-as na Tapada da Ajuda com o Botelho da Costa. O Amílcar tinha um problema complicado, foi muito mal visto pelos serviços onde fez o trabalho porque seguia as recomendações

do Botelho da Costa e não seguia as recomendações dos chefes dele aqui, de modo que o Amílcar foi marcado com esse ferrete e depois foi para África, foi para a Guiné. Começou a trabalhar na Guiné, eu vim depois para Portugal em 64, e na Guiné foi muito mal tratado, foi muito mal tratado pelos serviços oficiais, fizeram-lhe uma perseguição inacreditável, ele tem um trabalho espantoso que é *O recenseamento agrícola da Guiné*, que é uma coisa primorosa e mais, para mim foi a razão de ser da vitória da guerra dele, porque ele conhecia o terreno melhor que as autoridades portuguesas, aquele conhecimento agrícola da Guiné permitiu perceber a estrutura da sociedade guineense melhor que qualquer entidade portuguesa. Entretanto, ele cá, ele era de facto muito bom técnico e nestas coisas, nestas aventuras africanas, quer o Botelho da Costa, quer eu, lavávamo-lo connosco, era um grupo relativamente pequeno de pessoas...

Este trabalho é espantoso, dá um conhecimento da Guiné como não vi aqui mais e as autoridades portuguesas não quiseram saber disto para nada, as autoridades locais, não quiseram saber disto para nada, fizeram disto tábua rasa, era feito pelo Amílcar, não interessava. Eu lidei sempre com o Amílcar, o Amílcar esteve na Cassequel, esteve na Tentativa, esteve no Bom Jesus, as coisas do açúcar e dos salgados, esteve sempre o Amílcar e também no café, conseguimos levar a gente do... não era o Amílcar, o chefe era o Alfredo Teixeira Constantino e o Amílcar fazia parte da equipe do Constantino, a gente sabia, conhecíamos a equipe toda, que era bastante grande, não era muito grande, umas cinco pessoas, já citei estes dois. De modo que, a gente lidou, lidei sempre com o Amílcar e mais ainda, quando eu vim para Portugal, numa das vezes, mas quando estava em Angola, dei-me com o Amílcar por uma razão simples, os meus interesses e os dele eram idênticos sob o ponto de vista técnico e cultural, de modo que, conversávamos muito a esse respeito. A partir daí ficaram sempre esses laços, ele foi para a Guiné, eu acompanhei a vida de longe, só fui à Guiné depois de ele ter saído de lá, fui à Guiné por causa do Geba, mais uma vez regadio, o plano de rega do Geba, e acompanhei sempre o Amílcar, dei-me sempre muito bem com ele, aqui em Portugal convivíamos.

CC: De que conversavam? Além destas questões de Agronomia.

ALA: Uma das coisas de que a gente falava bastante era sobre literatura cabo-verdiana, na Guiné quase não há literatura, mas cabo-verdiana havia e ele conhecia. Como sabe, ele nasceu na Guiné, em Bafatá e estudou no Mindelo, de modo que conhecia, e a mim interessava-me a literatura cabo-verdiana também, de modo que, era uma das razões das conversas, outra coisa, era engraçado, outra razão das nossas conversas, era o cinema, ele gostava de cinema, eu também gosto de cinema, de modo que, conversávamos um bocado sobre cinema e bom, e falávamos sobre as coisas mais... /**CC:** E questões políticas? / Não, isso não nisso, o Amílcar foi sempre de um secretismo absoluto, nunca tive a mínima desconfiança das convicções políticas do Amílcar. E como digo aí nesse trabalho, depois de ter feito esta coisa do café no Amboim, apareceu outra e eu quis levar o Amílcar e então, tivemos um encontro em Sesimbra, junto à fortaleza, naquela esplanada que há ali, estivemos a conversar e eu desafiei-o para fazer parte da equipa outra vez e ele fugia sistematicamente ao problema, que não podia, e acabou por dizer, não... deu-me a entender, a sensação que eu tenho, da última conversa que tive com o Amílcar, é que ele me deu a entender que eram problemas de saúde e eu, nessa altura, aceitei, claro, era arriscado uma coisa dessas. Ele disse que ia para França, e não sei quê, eu fiquei convencido que eram problemas de saúde e, nessa altura, desconfiei de qualquer coisa muito esquisita, mas não lhe disse nada, não era nada, foi exactamente a passagem para o outro lado. Depois, o Amílcar fez outra coisa engraçada, mandava-me os seus escritos revolucionários, via Brasil, com um nome falso e eu escrevia para o Brasil a responder, que ia depois ter ao mesmo, nós trocámos correspondência até bastante tarde.

CC: E essa correspondência já era sobre as opções políticas dele?

ALA: Sim, alguma já. Eu fiquei a conhecer várias coisas dele, através desses documentos... ele, por exemplo, mandava-me grande parte dos discursos que fazia e das publicações, das conferências internacionais. Por exemplo, acompanhei completamente as conferências internacionais a que ele foi. Escrevia para o Brasil, havia um homem no Brasil que metia noutra envelope, vinha para aqui como sendo do Brasil e não da Guiné Conacri onde ele estava, não é?

CC: O Professor Ário passou pela Casa dos Estudantes do Império, conheceu muitos daqueles que viriam a ser os líderes dos movimentos independentistas

ALA: No problema da Casa dos Estudantes do Império há uma coisa engraçada, a primeira casa de estudantes que se fez aqui em Portugal foi a Casa dos Estudantes de Moçambique, em Coimbra, era conduzida por um aluno de Direito, que não era nada favorável ao regime salazarista, mas isso é... portanto, não teve grande enquadramento e apoio político. Depois, o Marques Mano de Mesquita, sobrinho do governador-geral de Angola, Marques Mano, discípulo do Marcelo Caetano, fundou a Casa dos Estudantes de Angola. Entretanto, eu, em Lisboa, e mais alguns negociámos com Coimbra, havia a Casa de Estudantes de Coimbra que tinha uma delegação em Lisboa e, eu estava na Casa dos Estudantes de Moçambique, em Lisboa e, o Marques Mano de Mesquita negociou com o Marcelo Caetano, uma coisa que hoje se sabe, naquela altura foram muito poucos, como se sabe, era uma espécie de excrescência da Mocidade Portuguesa, para não ter o rótulo de Mocidade Portuguesa e então põe a Casa de Estudantes do Império e cria a Casa de Estudantes do Império, que faz a federação das casas dos estudantes todas, a de Moçambique, foi a primeira, depois a de Angola, depois a de Cabo Verde, depois a da Guiné e da Índia e Macau, Timor é que nunca teve. E, fizemos então a tal Federação da Casa de Estudantes do Império e os primeiros anos foram um inferno porque o Mesquita era um homem do Governo, estava a fazer ali a política estritamente do Governo, que era um inferno, até que um dia, conseguimos provocar uma Assembleia Geral, no Liceu Camões e foi um pandemónio, essa Assembleia Geral foi muito difícil, conseguimos uma coisa, foi expulsar o Mesquita, foi uma bomba naquele tempo, não podem imaginar o que é que isso foi, expulsar o Mesquita e, escolhemos, deliberadamente, para Presidente da Casa de Estudantes do Império um rapaz cabo-verdiano [Aguinaldo Veiga] que era aluno do Marcelo, e que não era suspeito, era crítico, mas não era um homem abertamente da oposição na altura, de modo que, ele foi o primeiro presidente a seguir ao Mesquita e eu fiquei como vice-presidente, e demos a volta por completo, conseguimos virar por completo a Casa de Estudantes do Império, passou a ser aceita pelos estudantes, não havia nada de ligação à Mocidade Portuguesa nem ao Estado Novo e criaram-se vários centros culturais, várias iniciativas engraçadas, levámos lá o próprio Lopes Graça para fazer palestras sobre música por exemplo, que nessa altura foi uma bomba, não é? A coisa correu bastante bem durante uns anos e desfizemos [?] aquelas ramificações todas da Casa de Estudantes do Império.

CC: E tinham uma forte ligação também à literatura, não é?

ALA: É. Houve uma data de gente que passou por lá. Essa gente esqueci-me, eu formei-me em 47, fui embora, isto foi entre 44 e 47. Foi uma revolução bestial, usando um palavrão feio, foi fantástico, como é que foi possível uma Assembleia Geral, é claro, foi um pandemónio, ainda me lembro de algumas cenas mas conseguiu-se. Ninguém esperava, eu próprio, quando fui para lá, a ideia era, perdemos, vamos embora, depois, quando ganhámos, nem queríamos acreditar, de facto havia uma reacção espantosa à tentativa de endoutrinação que se queria impor.

CC: Quando chegou a Lisboa de Moçambique, qual foi a primeira reacção à vida na cidade de Lisboa?

ALA: Bom, há uma coisa engraçada, eu quando era estudante do liceu, no meu 6.º ano, vim num cruzeiro de férias à metrópole, deu-se uma cena desagradável em Angola, parti a perna, mas não sabiam, eu nunca engessei a perna, resultado: eu não conseguia andar, tinha a perna partida mas não a engessaram porque eles não deram conta, resultado, eu venho aqui para Lisboa e, enquanto os meus colegas todos, começaram por Setúbal, Beja, Faro, Beja, Évora, Castelo Branco, fizeram o percurso assim. Eu fiquei em Lisboa para ser tratado, nessa altura eu tinha um irmão cá, mais velho que eu, que era estudante na Faculdade de Ciências, e fiquei a conhecer Lisboa nessa altura com ele, tinha muita dificuldade em andar, portanto, lembro-me perfeitamente de ter descido o Chiado, mas eu andar não podia porque eu tinha a perna partida, imensa dificuldade em andar, até que a coisa começou a melhorar e, nessa altura, fui ter a Braga, já estavam lá em cima e depois, desci de Braga, Braga, Porto, Aveiro, Aveiro, Coimbra, Coimbra, Caldas da Rainha ou Tomar, já não me lembro agora, e depois, Lisboa. De modo que, isto foi o meu primeiro conhecimento de Portugal, foi uma pena, porque só conheci um bocadinho do litoral norte, todo o resto do país perdi por completo, mas em Lisboa vivi com o meu irmão, o meu irmão vivia numa pensão na Estrela, eu ia lá, eu estava no Colégio... ai, não me lembro o nome do Colégio, um colégio para os lados de Benfica, um colégio muito antigo, eu estava lá internado, foi onde os estudantes do Ultramar que vieram cá ficaram, mas metia-me no eléctrico, ia ter com o meu irmão e ele foi a primeira pessoa que me mostrou Lisboa.

CC: E o confronto com aquilo que tinha aprendido na escola...

ALA: Não. Nessa altura era aluno do 6.º ano, ainda não tinha uma visão muito definida, saí praticamente sem nada, o que é que eu podia pensar nessa altura? Lia umas coisas, mas não havia uma directriz nem uma orientação. Foi o meu primeiro contacto para aqui, depois regresssei a Moçambique, tive uma sorte espantosa, no ano seguinte os alunos de Moçambique fazem uma excursão a Angola e eu vou na excursão, foi a primeira vez que eu conheci Angola a sério, porque eu só conhecia os portos, Moçâmedes, Lobito, Porto Amboim e Luanda, de maneira que, depois da excursão a Angola, do cruzeiro de férias a Angola, comecei a conhecer bastante bem, dei uma volta enorme por Angola, fiquei a conhecer bastante bem Angola. Além disso tinha-se dado uma circunstância engraçada, quando foi do cruzeiro dos estudantes das colónias à metrópole, havia estudantes de Moçambique e de Angola, e a nossa situação era: um de Moçambique, um de Angola, um de Moçambique, um de Angola ou um de Angola, um de Moçambique, eu fiquei sempre ao lado de um angolano com quem fiz amizade e que ainda hoje conheço, ainda nos vemos de vez em quando. De modo que, eu já tinha uma visão de Lisboa e de um pouco de Portugal, muito pouco, quando vim para cá estudar.

CC: Que comparação é que é possível fazer, ou que fazia na época, entre Angola e Moçambique?

ALA: Eu quando visitei Angola, fiquei entusiasmado com Angola, porque em Moçambique, eu só conhecia o extremo sul, enquanto jovem, enquanto criança, bom, o extremo sul, não é bem assim, um bom pedaço do sul porque o meu pai era agricultor, ao sul de Lourenço Marques e tinha um amigo muito grande, o meu pai era junto do Umbeluzi, onde eu passava parte das férias, conhecia portanto a herdade do meu pai e tinha um amigo junto do Limpopo, onde eu ia passar grande parte das minhas férias, porque tinha uma data de filhos, de modo que, nós éramos colegas de liceu e de escola, de modo que passei muito... até deu-se uma cena engraçada que, nessa altura fiz várias visitas ao interior de Moçambique sul, fui até bastante longe porque ele era comerciante e eu ia com ele, achei piada e,

quando voltei a Lourenço Marques, como estudante só falava no rio Changana, e a minha alcunha no liceu era o Changana, que era o nome de um rio que havia em Moçambique. De modo que, quando fui a Angola, Angola deu-me uma visão completamente diferente, que eu vi Angola praticamente toda, saí de Luanda, fui a Malange, depois desci até Ndalatando, aliás, já agora uma piada, Ndalatando, que se chamava, Vila Salazar, mas o nome estava muito bem posto, sabe o que quer dizer Ndalatando... a baixa das cobras, de modo que eu fiquei a conhecer Angola muito bem, depois estive em Nova Lisboa, estive em Sá da Bandeira, estive em Silva Porto, estive no Lobito, estive em Benguela, estive em Moçâmedes, de modo que, é claro, vi o deserto de Moçâmedes, de modo que, está a ver, o que é que foi, para mim, Angola era um mundo, ao passo que Moçambique era um mundozinho. Claro que inverto a situação, quando fui para Moçambique em 47, fui logo para o Niassa, lá para o extremo norte e depois desci até cá ao sul, fiz exactamente, fiz o contrário, desci de norte para sul, corri Moçambique inteiro praticamente. Eram territórios diferentes, com características diferentes, a minha mulher é de Angola, os meus sogros viviam em Luanda, está a ver /CC: Onde é que conheceu a sua mulher? / Aqui, na Casa de Estudantes do Império.

CC: Que valências ou que importância é que podem ter estes trabalhos que foram feitos pela Missão de Pedologia de Angola para o Estado independente de Angola? Qual a utilidade do trabalho que foi feito no âmbito da Missão de Pedologia de Angola, actualmente?

ALA: Começo por referir um facto, há uns anos atrás, o António Réffega, que era vice-presidente [do Instituto de Investigação Científica Tropical], veio cá o Ministro da Agricultura de Angola e eu nessa altura estava na Estação Agronómica e o Réffega levou-o à Estação Agronómica, tivemos uma conversa, nada de especial, uma das coisas que foi falada, foi trabalharmos muito em solos, o próprio Réffega também trabalhou em solos comigo, o centro da nossa conversa foi fundamentalmente os solos, era aquilo que a gente conhecia, inclusivamente de Angola, o Réffega trabalhou comigo na carta de solos de Angola também, é um dos autores, um dos co-autores e diz-me o Réffega, mais tarde, que o ministro da Agricultura volta-se para ele e diz: “Vocês afinal de contas sabem muito de solos, quanto tempo é que demoram a fazer a carta de solos de Angola?” Diz ele, “já está feita”. O homem nem queria acreditar.

Bom, em Angola, a revolução, como em todas as revoluções, não é preciso ser de Angola, quando houve aqueles incidentes, aqui em Portugal com os estudantes em 70, houve um grupo de maoístas que queimou a biblioteca do Agros, a revista de estudantes, porque era capitalista, queimou tudo, tinha a colecção dos boletins técnicos dos Estados Unidos, foram todos queimados, pronto, em Angola houve coisas parecidas. Por exemplo, a Chianga foi destruída, aliás, houve lá combates inclusivamente porque a UNITA estabeleceu-se lá e foi preciso o MPLA expulsá-la da Chianga, que era a 13 Kms de Nova Lisboa, de modo que, por outro lado, aconteceu aquilo que... Muitíssimo curioso é que, com a independência surgiram dezenas de auxílios exteriores, das mais variadas origens e com os mais variados interesses. Não sei se sabe, uma cena engraçada, no Limpopo, em Moçambique, quem foi encarregado para estas negociações esquisitas que houve, foi uma missão de búlgaros, foi lá, e que não percebiam nada de agricultura tropical e foi uma catástrofe, de modo que eles passaram a ser conhecidos no Guijá pelos bulgáres, não eram búlgaros, eram os bulgáres, porque eram bulgáres sei lá, quem diz estes, diz dezenas de tipos destes, eu conheci alguns destes tipos, das mais variadas nacionalidades, não faziam a mínima ideia do que é que aquilo era e não tinham preparação nenhuma tropical, agora eram membros dessas organizações esquisitas que para aí havia e nessa altura de auxílio político. De modo que, foi destruída grande parte, não sei se sabe que, grande parte, grande parte não, a colecção do *Boletim Cultural da Guiné Portuguesa* foi destruída, porque era da Guiné

portuguesa, portanto, isto foi destruído, para a Guiné, eu consegui enviar uma colecção de livros que tinha em duplicado, porque foi tudo destruído, o que é da Guiné portuguesa, queima-se. Quem diz Guiné /CC: Tinha conotação colonial / pois, foi depois de 61, não é? Depois de 64, de modo que essa era a situação, quer dizer, eles ignoram por completo e repare, os italianos, não sei se sabe, a FAO está dominada pelos americanos, de modo que, só se aceita doutrina americana, se não é doutrina americana, deita-se fora, aquele artigo que lhe mostrei, é escrito pelo director de Solos da FAO, está a ver. Resultado: o trabalho feito tem sido sistematicamente ignorado, aliás, eu estive a trabalhar em Angola, já depois da independência, fui lá numa situação muito curiosa, fui lá como membro da União Europeia, não fui lá por nada pessoal, era da União Europeia, quando fui desafiado, aceitei, disse que ia sim senhor, e estive lá a estudar problemas de reestruturação do ensino técnico geral, de modo que foram homens do técnico comercial, do técnico industrial, eu era do técnico agrícola e havia gente noutros sectores, mas eu, para mim, era só o técnico agrícola, acontece que nas primeiras reuniões, eu é que conhecia melhor Angola do que eles, de modo que, sobre certos aspectos, passei eu a ser o grande fornecedor de elementos e fiz um esforço tremendo, isto foi em 80 e tal, quando os cubanos lá estavam e, um esforço tremendo a actualizar estatísticas, conhecia as estatísticas até 73 mas já estávamos em 80, o que é que acontece. Bom, chegámos a Luanda, houve umas cenas engraçadas, a saída do aeroporto demorou horas, chegámos ao fim da tarde, saímos do aeroporto já era noite quando fomos para o hotel e eu contei os candeeiros acesos, era um em 50, uma coisa assim parecida, no dia seguinte, de manhã, temos uma reunião lá numa direcção geral, ao pé do palácio do Presidente, sentamo-nos à mesa, éramos 4 portugueses, 5 portugueses, porque havia um delegado, que estava em Angola já do grupo e uma série de delegados angolanos e, de repente, um deles, director-geral do Fomento, se não me engano, diz que Angola estava numa fase complicada, tinha que se mudar aquela coisa toda e os nossos objectivos imediatos eram atingirmos 60% da produção de 73, já nessa altura... em 73, eu já sei como é que estamos, não é? E começamos então a falar sob esse ponto de vista, mas era espantoso, o objectivo era atingir 60%. Angola... bom, depois houve problemas infernais, Angola entregou as açucareiras aos cubanos que as destruíram e Angola importa açúcar de Cuba, porque eles destruíram as açucareiras de Angola, é das partes, das cenas divertidas das consequências de determinados golpes, esta foi espantosa, a dos cubanos, eles não queriam, de maneira nenhuma, que Angola produzisse açúcar, e Angola produzia açúcar. A produção de café de Angola, que era um dos maiores produtores do mundo, quase que desapareceu, agora já voltou outra vez, mas quase desapareceu.

Já agora, vou contar-lhe uma anedota engraçada, isto é curioso, é um pormenorzinho que é curioso. Quando o Sarmento Rodrigues era governador da Guiné, houve um plano de estradas, os engenheiros fizeram o seu plano de estradas e o Sarmento Rodrigues pediu que eles arborizassem as estradas, houve uma grande discussão acerca das plantas e o Sarmento Rodrigues teve uma ideia, porque é que não põem cajueiros? E puseram cajueiros. Ora o Sarmento Rodrigues foi o governador da Guiné em 50, eu estive na Guiné em 80 e poucos, em 80, há uma situação engraçada do caju, conhece o caju? Só conhece a castanha, não conhece a polpa? É que, a castanha é que é o fruto, depois tem uma polpa que é o pedúnculo, olhe no Brasil, o sumo do caju é magnífico, a gente nas esplanadas bebe sumo de caju gelado, que é uma coisa magnífica. Mas, não são só os homens que gostam do caju, da polpa do caju, são os macacos também, de modo que, os macacos apanham o caju e espalham semente por toda a parte, de modo que, a obra iniciada pelo Sarmento Rodrigues de ladear as estradas de cajueiros, deu uma expansão espantosa de caju por uma área enorme da Guiné. Sabem qual é hoje a maior exportação da Guiné? Castanha de caju. É uma história curiosa.

CC: Professor, muito obrigada por nos ter recebido e pelo seu testemunho, que eu acho, de facto, muito importante, não só sobre a história desta instituição onde nós trabalhamos mas em geral o seu percurso é muito interessante e ilustra bem o que é que foi esta época.

ALA: Foi, sob certos aspectos fiquei a conhecer razoavelmente bem essa época, infelizmente. Bom, tem a vantagem de a conhecer razoavelmente, mais nada. Primeiro foi agronomia, mas isso era assistente, o assistente, como sabe, era uma posição transitória, depois fui para Moçambique, também era uma situação transitória e o meu primeiro emprego foi como investigador pedologista da Junta das Missões Geográficas e de Investigações Coloniais, de modo que eu tenho muito respeito pela Junta e conheço bastante bem a Junta passada, como lhe disse, o Teixeira Marinho, era primo da minha mãe, era vice-presidente, eu conheci a Junta nessa altura, que era uma coisa completamente diferente, depois, mais tarde, olhe, em Angola, quando estava a trabalhar no Cunene, foi a Missão Geográfica [de Angola] da Junta que me apoiou. /**CC:** Então houve intercâmbio entre as duas Missões? / Sempre, entre as duas missões, a Missão Geográfica, eu tive um apoio espantoso deles /**CC:** A Missão Geográfica de Angola. / de Angola, um apoio fantástico deles, depois, quando eu já estava a trabalhar na Missão de Pedologia, encontrei-os noutras zonas e continuámos a interligar para apoiarmo-nos mutuamente naquilo que valia a pena apoiarmo-nos no campo, de modo que, eu tenho muito boas relações com a Junta. Da Junta só tenho uma razão de queixa, queixa não, um certo azedume, não é razão de queixa, é azedume: foi a aceitação da doutrina da Missão de Estudos Agronómicos [do Ultramar]. Não sei se sabe que, o Lains e Silva, em público, declarou que nós estávamos cá para pensar, lá estava-se para se fazer. Quando nesta altura estávamos a tentar arranjar estruturas, estáveis, em Angola e Moçambique e os outros queriam, mas ele não, ele não queria, e conseguiu. Enquanto ele esteve ali, na Guiné, onde ele trabalhava, em São Tomé também não, conseguiu. O azedume que tenho para com a Junta foi nessa, isto era um pensamento inacreditável, contrário a tudo o resto e, até na própria tradição, até a própria tradição, não se esqueça que a Junta começou como Comissão de Cartografia. /**CC:** O trabalho no terreno / exacto, e fez um trabalho espantoso.